

El Parkinson avanza con la edad

Redacción



Parkinson Vigo montó mesas por el Día Internacional de la enfermedad con 10.000 casos al año en España.

12/ABR./23



El envejecimiento de la sociedad acelera el impacto cada vez mayor de esta enfermedad neurodegenerativa, aunque hay un 15% de casos en menores de 50

Cada año se diagnostican en España unos 10.000 nuevos casos de Parkinson, y ya habría unas 150.000 personas afectadas por esta enfermedad neurológica crónica y progresiva, recordó ayer la asociación viguesa de pacientes de esta dolencia (APAR) en el día internacional. Reclamaron “unas relaciones sociales que respeten los tiempos de las personas con Parkinson”, aunque un 15 por ciento de los nuevos casos diagnosticados se corresponden a personas menores de 50 años. La asociación comenzó sus iniciativas el pasado 4 de abril con un stand en el Calvario y otro en Príncipe. A esta iniciativa informativa le siguió ayer una actividad especial de estimulación cognitiva inspirada en un “escape room”, y el día 19 unas jornadas de puertas abiertas en la asociación. Entre los actos organizados, el 27 de abril a las cinco a de la tarde en el



movimiento. "La edad es el principal riesgo para padecer esta enfermedad, sobre todo a partir de la sexta década de vida, la incidencia y la prevalencia afectan exponencialmente. Así, mientras que estimamos que la enfermedad afecta a un dos por ciento de la población mayor de 65 años, pasa a ser al 4 por ciento en mayores de 80", explica. Y añade que precisamente por esa razón "también calculamos que en España, el número de afectados se triplique en los próximos 30 años, precisamente por el envejecimiento de nuestra población". En todo caso, el Parkinson no solo afecta a personas de edad avanzada, sino que cada vez más a menores de 50 años. Según los neurólogos, solo un 10 por ciento de los casos corresponden a formas hereditarias, por lo que en el 90 por ciento continúa siendo de origen desconocido. La comunidad científica coincide en que sería el resultado de una combinación de factores ambientales en personas genéticamente predispuestas.

PUBLICIDAD



Usted está aquí: Inicio / #SOMOSDEACCIÓN /

El sueño de calidad, la mejor receta para una salud de hierro / Eventos



El sueño de calidad, la mejor receta para una salud de hierro

05/04/2023 / en #SOMOSDEACCIÓN

La Organización Mundial de la Salud determina que la falta de sueño ya es una auténtica epidemia que afecta al 40% de la población mundial. Junto a la alimentación y el ejercicio físico, el descanso de calidad es el tercer pilar fundamental del bienestar y, sin embargo, el gran olvidado.

Además de los trastornos físicos y mentales que provoca la falta de un descanso saludable (mayor riesgo cardiovascular, obesidad, trastornos de ansiedad, depresión, etc.), que certifican los estudios de Instituciones tan prestigiosas como la Sociedad Española de Neurología o la American Heart Association, etc., es incuestionable que la calidad del sueño afecta a nuestro estado de ánimo en nuestro día a día, tanto a niños como adultos.

Por lo tanto, a las puertas del Día

Privacidad y Política de Cookies

como la mejor medicina para evitar problemas que comprometan nuestra salud física y mental.

Conscientes de la enorme importancia de este problema, desde la Fundación del Sueño Mónica Duart, y dentro de sus líneas de investigación, se ha lanzado un estudio en colaboración con la Universitat Jaume I y el laboratorio de tecnología y psicología LABSITEC, sobre la calidad del sueño en personas adultas, que arroja datos muy concluyentes como que un 54% de la población española sufre cambios en su estado de ánimo debido a un sueño insuficiente, o que el 39% de los encuestados tiene una mala o muy mala calidad de sueño en su día a día.

El trabajo de investigación se completa con el desarrollo de unos módulos de intervención en línea que ayudan a mejorar la calidad del sueño facilitando la identificación de problemas y promoviendo buenos hábitos relacionados con un descanso saludable.

“De cara a un día tan importante como el Día Mundial de la Salud queremos seguir subrayando lo esencial que es el sueño para el bienestar de las personas y la relevancia de no descuidarlo ante factores de la vida cotidiana como la falta de tiempo o el estrés”, explica Mónica Duart, CEO de Dormitienda y presidenta de la Fundación del Sueño Mónica Duart. “Desde la Fundación, trabajaremos sin descanso en la sensibilización de la población en esta línea y destinaremos nuestros recursos a líneas de investigación que ayuden a la población a descansar con plenitud”.

Compartir esta entrada



Início > SAÚDE > Tudo o que preciso saber sobre o Parkinson

SAÚDE

Tudo o que preciso saber sobre o Parkinson



Publicado por **Rebeca Moraes**

11/04/2023



O que preciso saber sobre o Parkinson? Quando falamos de Parkinson, temos que levar em conta que estamos diante da **segunda doença neurodegenerativa com maior incidência no mundo**. Motivo mais do que suficiente para sensibilizar a população para esta doença, para a qual se comemora, a 11 de abril, o Dia Mundial do Parkinson.

Utilizamos cookies e tecnologia para aprimorar sua experiência de navegação de acordo com o [Aviso de Privacidade](#).

[Configurações](#)

[Aceito](#)

mortalidade por doença de Parkinson estão aumentando mais rapidamente do que qualquer outra doença neurológica.

E a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou há alguns meses que a **prevalência dessa doença dobrou nos últimos 25 anos** e esse aumento fez com que, nesses anos, também dobrasse a perda de anos de vida.

Os especialistas não hesitam em procurar as razões desse aumento. “Os avanços diagnósticos e terapêuticos que esta doença sofreu nos últimos anos são algumas das razões que explicam este aumento da prevalência da doença de Parkinson. Mas, acima de tudo, por detrás deste aumento está o envelhecimento progressivo da população”, explica o Dr. Álvaro Sánchez Ferro, Coordenador do Grupo de Estudos de Distúrbios do Movimento da Sociedade Espanhola de Neurologia.

“E é que a idade é o principal risco para sofrer desta doença. Sobretudo, a partir da sexta década de vida, a incidência e prevalência desta doença aumentam exponencialmente. Assim, enquanto estimamos que a doença de Parkinson afete 2% da população com mais de 65 anos, ela já atinge 4% na população com mais de 80 anos. Por isso também calculamos que, na Espanha, e devido ao progressivo envelhecimento de nossa população, o número de pessoas afetadas triplicará nos próximos 30 anos”.

Claro, a doença de Parkinson não afeta apenas os

PUBLICIDADE

Uma doença genética?

Uma das perguntas mais frequentes é se ter um parente próximo com doença de Parkinson aumenta as chances de sofrer desse distúrbio. Bem, os especialistas consideram que **apenas 10% dos casos desta doença correspondem a formas hereditárias**.

E, infelizmente, **em 90% dos casos, a causa da doença de Parkinson permanece desconhecida**, embora a comunidade científica encontre cada vez mais evidências de que sua origem é resultado de uma combinação de fatores ambientais em pessoas geneticamente predispostas.

Pode ser evitado?

Diante dos dados, questiona-se se está em nosso poder seguir algum tipo de estratégia para tentar prevenir o aparecimento da doença. A verdade é que, como dissemos, as causas são desconhecidas, mas o que está claro é que o estilo de vida pode influenciar no desenvolvimento da doença.

PUBLICIDADE

Tendo em conta o desafio que representa o previsível aumento de novos casos desta doença, é muito necessário realizar **estratégias de prevenção** daqueles fatores que já sabemos que podem aumentar o risco de padecer dela.

“Neste sentido, sabemos que um bom estilo de vida ajuda a proteger-nos contra a doença de Parkinson e isso inclui o **exercício físico** regular , optando por **dieta mediterrânea, ou controlar a hipertensão e diabetes tipo 2**. Por outro lado, a exposição a pesticidas, solventes industriais, poluição do ar ou infecções por *Helicobacter pylori* ou hepatite C, também têm sido associadas, entre outros fatores, a um risco aumentado de desenvolver esta doença. Portanto, é preciso discutir programas de saúde pública que evitem a exposição da população a estes”.

Sintomas da doença

Quando você pensa em Parkinson, imediatamente vem à mente um sintoma muito claro: o tremor. A verdade é que a doença não se limita a esse sinal, mas **produz vários sintomas motores e não motores**. Temos a tendência de associar o mal de Parkinson apenas a sintomas motores, quando na verdade é uma doença que pode se manifestar de várias outras formas.

PUBLICIDADE

E, de fato, os sintomas não motores podem se tornar, em muitas ocasiões, muito incapacitantes. Além disso, quando os primeiros sintomas da doença não são motores ou não são tão evidentes, pode ser difícil identificá-la precocemente e até mesmo diferenciá-la de outras síndromes parkinsonianas.

- **Dentre os sintomas motores** , os mais comuns são **o tremor e a lentidão dos movimentos** . E além dos sintomas que ocorrem no início, outros problemas aparecem com a evolução da doença, como as flutuações motoras que estão presentes em mais de 80% dos pacientes após 5 e 10 anos do diagnóstico. Mas os sintomas motores nem sempre são os primeiros a aparecer no início desta doença.
- Em até 40% dos casos, a primeira manifestação do Parkinson é **a depressão** e isso pode levar a vários erros de diagnóstico. Outros sintomas não motores incluem **ansiedade, problemas cognitivos, distúrbios do sono, dor, constipação, problemas de deglutição ou problemas de função geniturinária**.

A importância do diagnóstico precoce

O objetivo na abordagem da doença é **melhorar a qualidade de**

PUBLICIDADE

O tratamento farmacológico atualmente disponível , embora não consiga interromper o processo degenerativo, é eficaz na **melhora da maioria dos sintomas motores e muitos sintomas não motores.**

“De qualquer forma, o tratamento desta doença requer uma abordagem integral, que inclui também tratamentos não farmacológicos, e também uma abordagem individualizada, dependendo da deficiência, da idade do paciente e das complicações e sintomas que vão surgindo ao longo da sua evolução. ”

Siga-nos no [Facebook](#) e [Twitter](#) para se manter informado com as notícias de hoje!

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

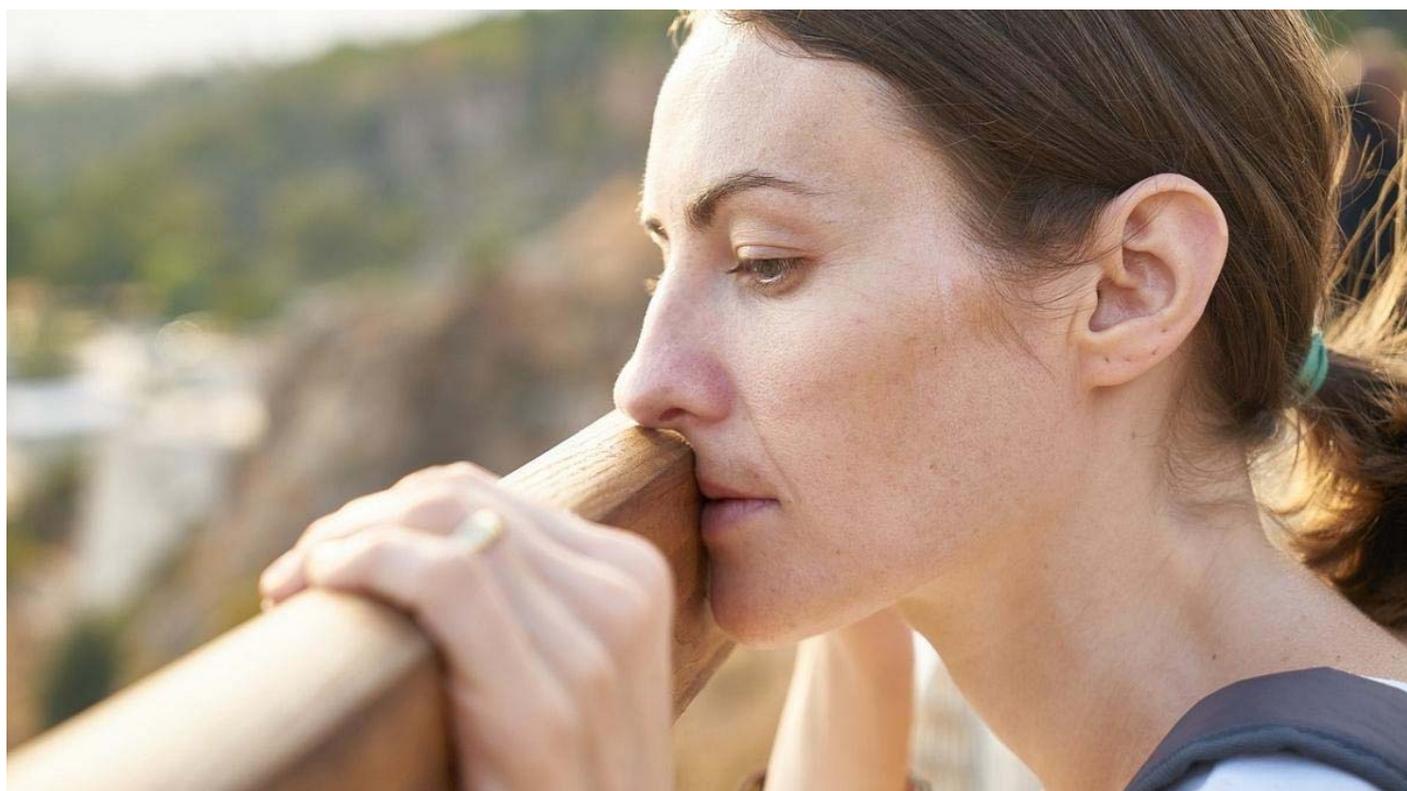
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La **Sociedad Española de Neurología (SEN)** estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de **IVI Bilbao, Santander, Donostia, Vitoria y Logroño**.

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio [“The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy”](#), publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para **ser madre**, podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- “El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiépilépticos”

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, **enfermedades infecciosas**, malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología



miércoles, 12 de abril de 2023

Diario de Ávila



15°

Suscríbete

Diario de Ávila

[ÁVILA](#) [PROVINCIA](#) [REGIÓN](#) [ESPAÑA](#) [MUNDO](#) [DEPORTES](#) [OPINIÓN](#) [AGENDA](#) [GALERÍAS](#) [PODCAST](#)

Actos Día Mundial del Párkinson

OTROS

📍 Entrada libre a mesa redonda. Inscripción carrera: 10 euros adultos y 5, infantil (menos 14 años)
📅 11 a 22 de abril 📍 11, 12 y 22 de abril 📍 Ávila

Con motivo del Día Mundial del Párkinson, que se celebra este martes 11 de abril, la Asociación Párkinson Ávila (Apavi), la Federación Española de Párkinson (FEP) y sus asociaciones federadas lanzan la campaña 'Dame mi tiempo', iniciativa que tiene el objetivo de «avanzar hacia una sociedad más sensibilizada que incorpore una imagen ajustada a la realidad de las personas con párkinson y, en consecuencia, que esto repercuta de manera positiva en su día a día».

Al margen de esta campaña, son varios los actos con los que Apavi se suma al Día Mundial de esta enfermedad, entre ellos la mesa redonda 'Mujer y Párkinson' que tendrá lugar el **miércoles 12 de abril** a las 17,30 horas en el Episcopio. En la misma participarán la doctora Ana Caminero, jefa de la sección de Neurología del Complejo Asistencial de Ávila y coordinadora de la Sociedad Española de

[📍 Ver localización en el mapa](#)



desde una perspectiva neurológica, así como también con la participación de Rosa Blázquez, representante de la Asociación de Mujeres con P de Párkinson, para defender la importancia de compartir experiencias como mejor herramienta para hacer frente a esta enfermedad. También participará en esta mesa redonda Yolanda López, una de las cerca de 1.500 personas que en Ávila están diagnosticadas de párkinson.

También dentro de los actos programados con motivo del Día Mundial del Párkinson el **martes 11 de abril** Apavi situará una mesa informativa en el Mercado Grande durante la mañana y desde allí también, en este caso a las 12,00 horas, se dará lectura a un manifiesto. Además, esta noche el monumento de Los Cuatro Postes se iluminará de forma especial con motivo de esta jornada mundial.

Así mismo, el **sábado 22 de abril** se celebrará la V Carrera Solidaria organizada por Apavi en Naturávilva. La prueba infantil dará comienzo a las 18,20 horas y a las 18,30, la de adultos.

Más info



Otras webs del Grupo Promecal

Diario de Ávila	La Tribuna de Albacete	CyLTV
Diario de Burgos	La Tribuna de Ciudad Real	Navarra Televisión
Diario Palentino	La Tribuna de Cuenca	7 La Rioja
El Día de Segovia	La Tribuna de Guadalajara	
El Día de Soria	La Tribuna de Talavera	
El Día de Valladolid	La Tribuna de Toledo	
El Día de la Rioja		

Diario de Ávila

Parque empresarial El Pinar de Las Hervencias Río Cea,
1- Nave 20
05004 Ávila, España
Telf: 920 35 18 52

SUSCRÍBETE | KIOSKO

Síguenos en redes:





PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La Sociedad Española de Neurología (SEN) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos

En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en

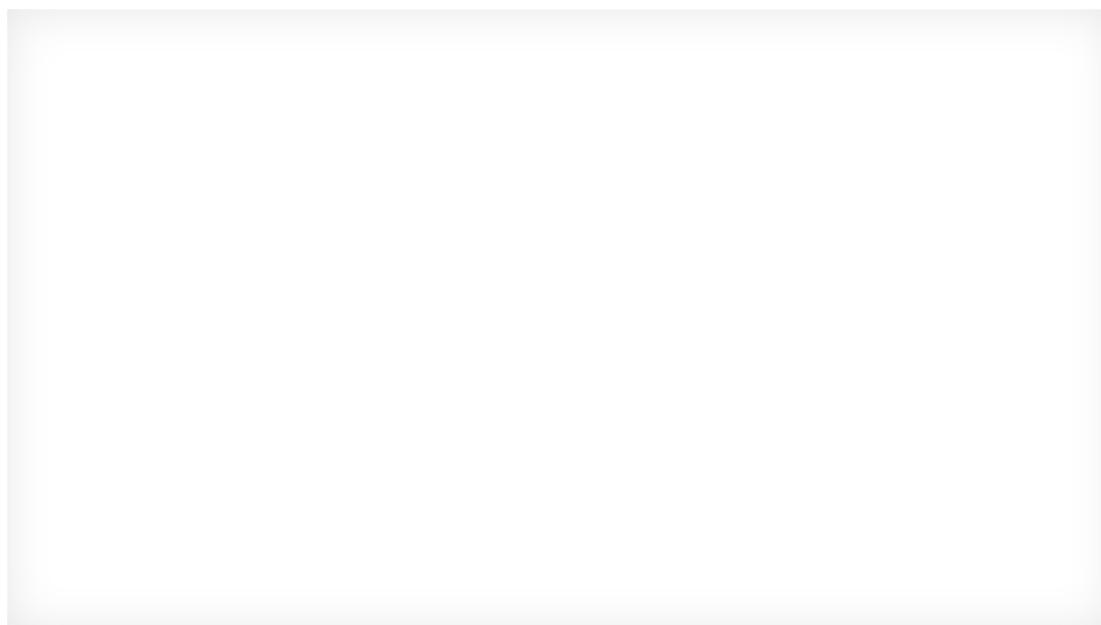
edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

PUBLICIDAD



Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio “[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)”, publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de

mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para **ser madre**, podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan

tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético

preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

Naturgy financia el 100% de la instalación solar

Naturgy

Haz clic aquí

El precio de mercado de tu coche usado podría sorprenderte

Cotiza Tu Auto

Más información

Descubre lo que tu perro está realmente comiendo.

Ownat

Haz clic aquí

Un trabajador de 'Pasapalabra' se va de la lengua y cuenta toda la verdad sobre la victoria de Rafa

Diario de Mallorca

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

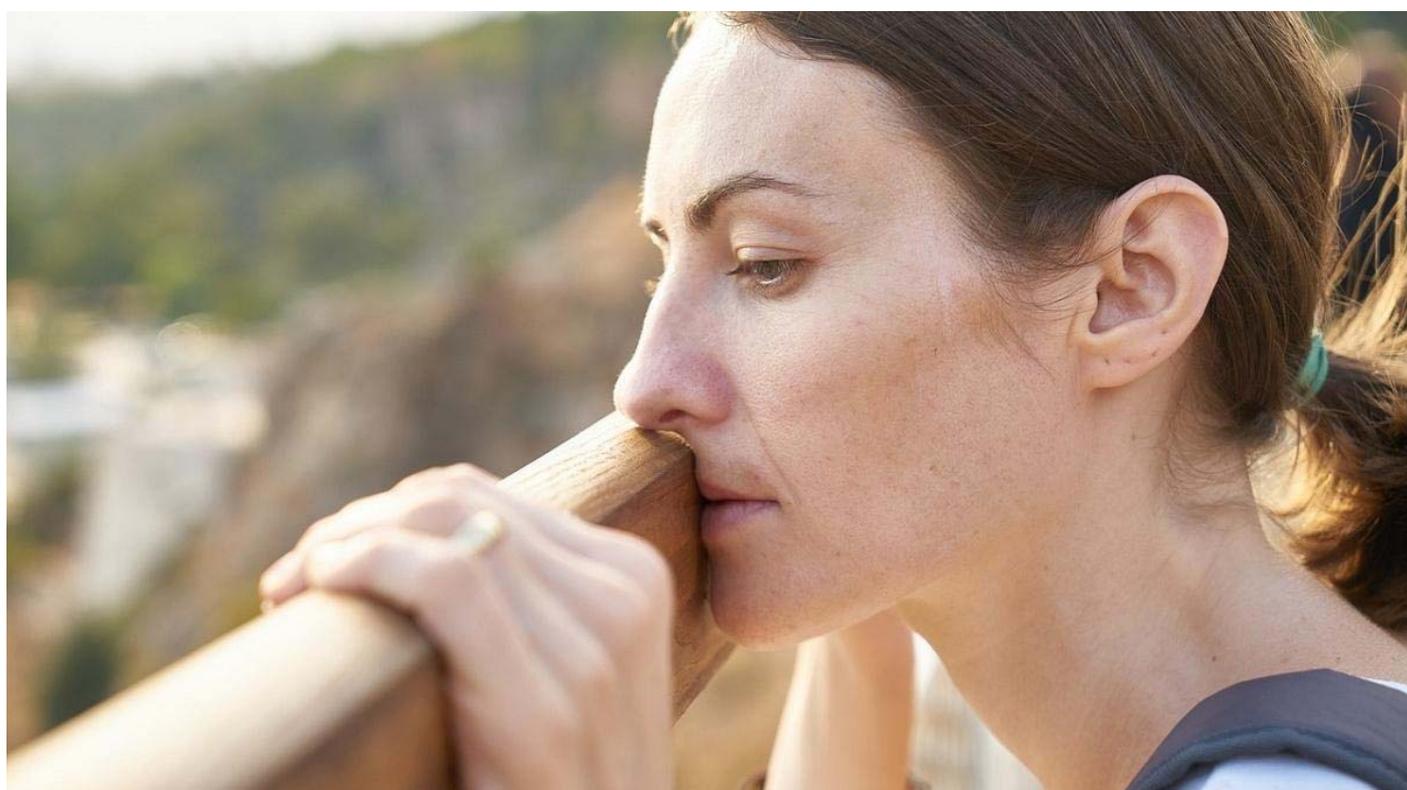
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La **Sociedad Española de Neurología (SEN)** estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos.

En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

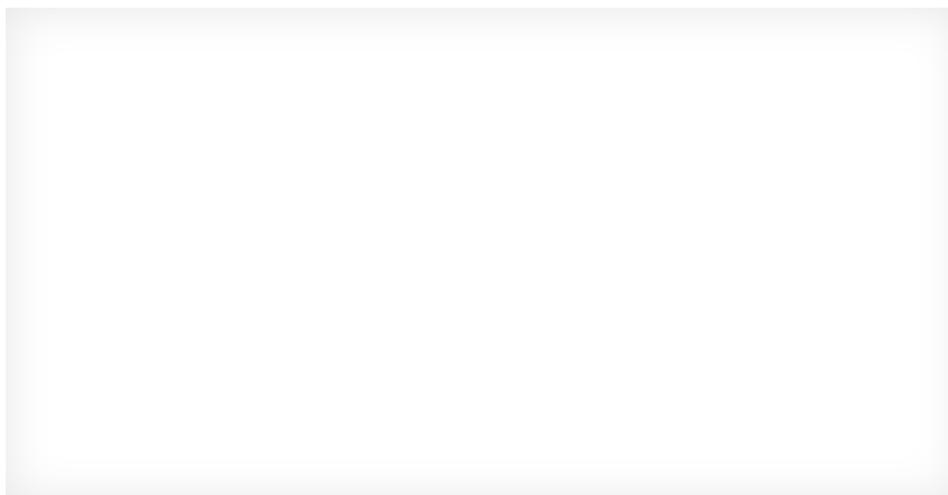
RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

PUBLICIDAD



¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de **IVI Bilbao, Santander, Donostia, Vitoria y Logroño**.

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio [“The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy”](#), publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para **ser madre**, podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios

como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

undefined

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

Diari de la DisCapacitat

EL DIGITAL DE LA DIVERSITAT FUNCIONAL A CATALUNYA

Inici › Destacades › La prevalença del Parkinson s'ha duplicat en els darrers 25 anys, amb...

Destacades

La prevalença del Parkinson s'ha duplicat en els darrers 25 anys, amb 10.000 casos nous cada any a Espanya



SERVIMEDIA 11 d'abril de 2023

0



Un sanitari agafant les mans d'un pacient // Foto: Servimèdia

La prevalença del Parkinson s'ha duplicat en els darrers 25 anys al món, amb 10.000 nous casos a l'any a Espanya, segons la [Societat Espanyola de Neurologia](#) (SEN). A més, un 15% d'aquests casos corresponen a menors de 50 anys i un terç dels nous malalts encara no està diagnosticat.



Més de 7 milions de persones pateixen parkinson a tot el món i a Espanya, més de 150.000 persones estan afectades per aquesta malaltia, segons dades de la SEN amb motiu del Dia Mundial del Parkinson, que se celebra aquest dimarts.



Es tracta de la segona malaltia neurodegenerativa amb més incidència al món i, a més, la discapacitat i mortalitat del parkinson estan augmentant més ràpid que qualsevol altra malaltia neurològica.

L'Organització Mundial de la Salut (OMS) va assenyalar recentment que la prevalença d'aquesta malaltia s'ha duplicat en els darrers 25 anys al món i aquest augment ha produït que també s'hagi duplicat la pèrdua d'anys de vida ajustats per discapacitat (que actualment s'estima a 5,8 milions d'anys).

La malaltia produeix diversos símptomes motors i no motors: entre els motors, els més habituals són el tremolor i la lentitud de moviments, segons la SEN. Però els símptomes motors no sempre són els primers a aparèixer.

Fins i tot en un 40% dels casos la primera manifestació és la depressió i, això, pot portar a diversos errors diagnòstics, va afirmar la societat científica. Entre altres símptomes no motors destaquen l'ansietat, els problemes cognitius, els trastorns del son, el dolor, el restrenyiment, els problemes de

deglució o de la funció genitourinària.

CA ES



“Els símptomes no motors poden arribar a ser, moltes vegades, molt incapacitants. A més, quan els primers símptomes de la malaltia no són els motors o no són tan evidents, pot ser complicat identificar-la de forma primerenca i fins i tot difícil de diferenciar d’altres síndromes parkinsonians. Actualment tenim a Espanya un retard diagnòstic d’entre un i tres anys i això fa que aproximadament un terç dels nous casos encara estiguin sense diagnosticar”, va assenyalar el doctor Álvaro Sánchez Ferro, coordinador del Grup d’Estudi de Trastorns del Moviment de la Societat Espanyola de Neurologia.

Diagnòstic precoç

Un diagnòstic primerenc permet començar el tractament d’aquesta malaltia a les primeres fases, cosa que ajuda a millorar la qualitat de vida dels

pacients, prevenir complicacions i minimitzar la discapacitat a llarg termini. I, encara que el tractament farmacològic disponible actualment no aconsegueix aturar el procés degeneratiu, però resulta eficaç per millorar la majoria dels símptomes motors i per a molts dels símptomes no motors.

“Requereix un enfocament integral, en què s’incloguin també tractaments no farmacològics, i també un enfocament individualitzat, segons la discapacitat, l’edat del pacient i de les complicacions i símptomes que van sorgint al llarg de la seva evolució”, va recalcar doctor Sánchez Ferro.

Tot i que tenir un familiar proper amb la malaltia de Parkinson augmenta les possibilitats de patir aquest trastorn, només un 10% dels casos corresponen a formes hereditàries. En el 90% dels casos, la causa continua sent desconeguda, tot i que la comunitat científica cada cop troba més evidències que el seu origen és el resultat d’una combinació de factors ambientals en persones genèticament predisposades.

Segons els especialistes, un bon estil de vida ajuda a protegir-nos contra la malaltia de Parkinson, cosa que inclou **“realitzar exercici físic de forma regular, optar per la dieta mediterrània, o controlar la hipertensió i la diabetis tipus 2”**.

Pel que fa a factors de risc, **“l’exposició a pesticides, a dissolvents industrials, a la contaminació de l’aire, oa infeccions per ‘helicobacter pylori’ o hepatitis C, també s’han associat, entre altres factors, a un risc més gran de desenvolupar aquesta malaltia”**. Els especialistes van destacar que **“cal debatre programes de salut pública que evitin l’exposició de la població”** a aquests factors.



PUBLICIDAD

NEUROLOGÍA

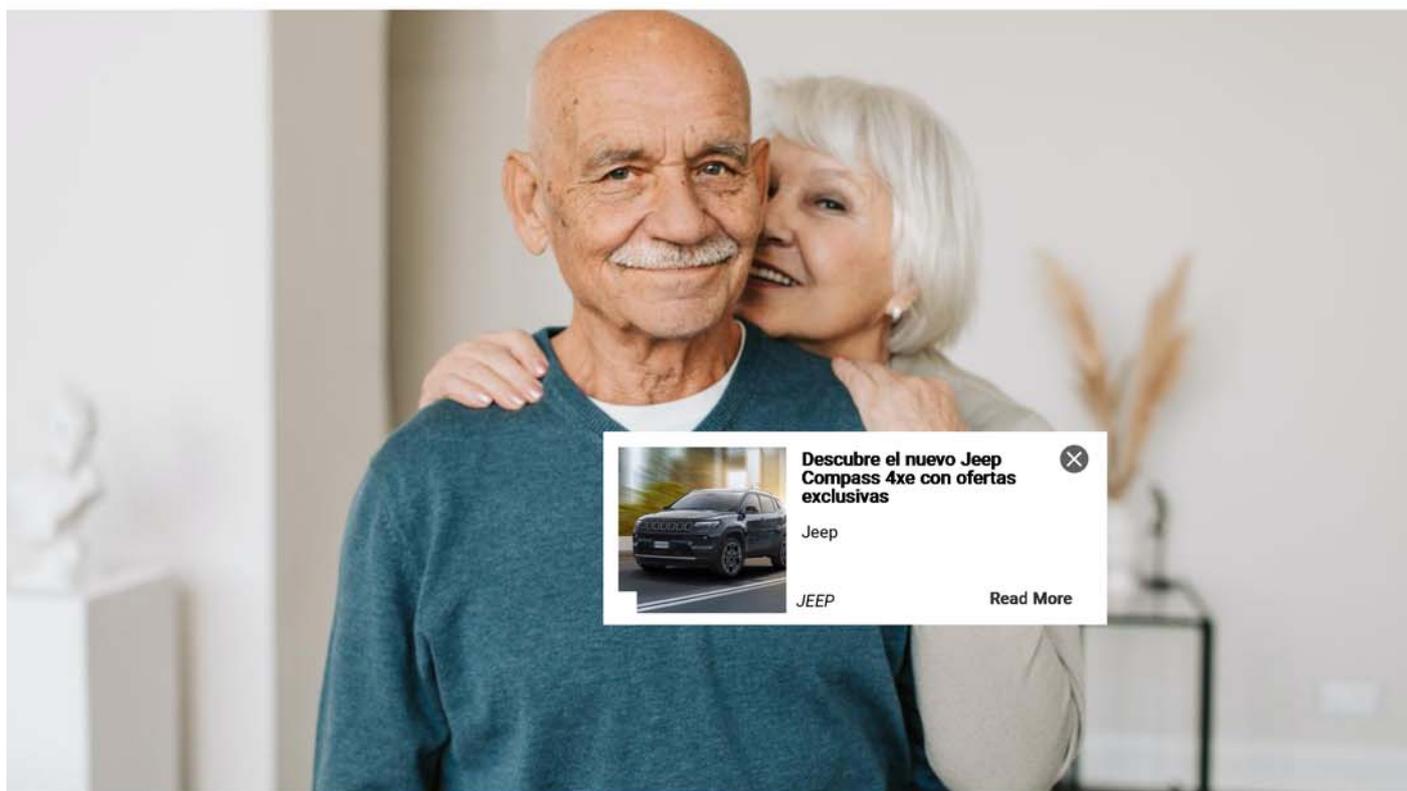
Marcadores precoces del párkinson: los síntomas que nos pueden poner en alerta con años de antelación

En este artículo incluimos un enlace para participar en una encuesta con la que, si tiene entre 50 y 80 años, con solo 20 minutos puede ayudar a ralentizar, detener o incluso invertir el proceso del Parkinson



Rafa Sardiña

11·04·23 | 06:00 | Actualizado a las 06:01



Identificar con antelación el riesgo de padecer Parkinson puede ser un gran avance / VLADA KARPOVICH

Según la [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#), unas 120.000-150.000 personas padecen la enfermedad de Parkinson en España.

RELACIONADAS

¿Bailar una vez a la semana puede reducir el avance de los síntomas del Parkinson?





Demencia: A qué edad empieza, cuáles son los primeros síntomas y cómo prevenirla

Rebeca Gil

Los síntomas más habituales, y conocidos por todos, son:

- Temblor de reposo
- Rigidez
- Pérdida de habilidad
- Rapidez para realizar funciones motoras
- Trastornos posturales y/o trastorno de la marcha.





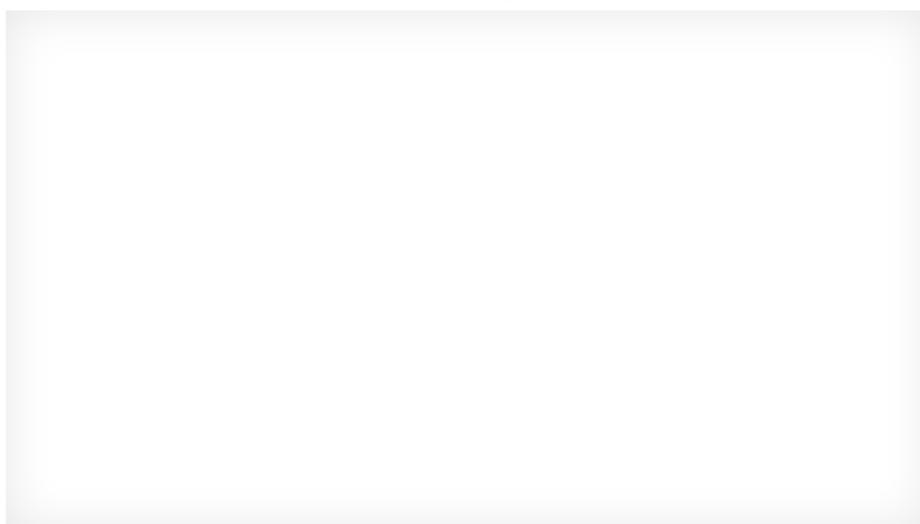
El párkinson es la segunda enfermedad neurodegenerativa más frecuente en nuestro país / STADA

Sin embargo, hay ciertos **síntomas no motores, y que empiezan 5-10 años antes** del diagnóstico, que son marcadores precoces del párkinson.

Así lo explica la **doctora María José Martí**, directora de la Unidad de Párkinson y Trastornos del Movimiento del [Hospital Clínic de Barcelona](#), coincidiendo con el [Día Mundial del Parkinson](#):

“Es importante saber que hay algunos síntomas que se dan muchos antes de que empiecen los típicos temblores”.

PUBLICIDAD



Y esos síntomas son:

- Estreñimiento. La Sociedad Española de Neurología calcula que “puede aparecer a lo largo de la





- Pérdida del olfato.
- Trastorno del sueño.
- Disfunción sexual.
- Producción excesiva de saliva.

Y es que, como señala la especialista a este portal:

- "La gente se da cuenta solo si tiene temblor o dificultad para caminar, y no le da importancia a este tipo de síntomas que pueden predecir la enfermedad de Parkinson".

También es conveniente resaltar que entre un "30-40% de los casos, los pacientes no presentan temblor", que es el síntoma más característico de esta patología, la **segunda enfermedad neurodegenerativa más frecuente**, después de la enfermedad de Alzheimer.

Los temblores son el síntoma más habitual del párkinson, pero no es el único que debe alertarnos / ABBVIE - ARCHIVO

La importancia de la detección precoz

La detección precoz del párkinson, como ocurre con el resto de enfermedades neurodegenerativas, es uno de los pilares fundamentales para el buen funcionamiento de los tratamientos.

- "La urgencia es detectarla lo antes posible y, sobre todo, las personas que están en riesgo de padecer alguna de estas patologías".





Así, se podría iniciar una terapia lo antes posible y anticiparse incluso a la aparición de los síntomas motores de esta enfermedad “crónica y progresiva”.

A través de esta encuesta ([que se puede realizar en el siguiente enlace](#)) se pretende obtener información de las **fases más iniciales** de la enfermedad de Parkinson para ralentizar, detener o incluso invertir el proceso. Y es muy recomendable participar, porque con muy poco esfuerzo podemos ayudar a la ciencia y a los posibles pacientes.

En esta investigación, en la que se pretenden conseguir al menos 10.000 voluntarios, también participa el **doctor Eduard Tolosa**, del Hospital Clínic de Barcelona.

En la actualidad, tal y como resalta la doctora Martí, no existe ningún fármaco que revierta o ralentice la enfermedad.

- “Solo tenemos tratamientos para mejorar los síntomas: temblor, cómo hablan, el movimiento, caminar... Pero no paran el avance de la enfermedad. Y es lo que queremos, porque a la larga se van sumando problemas que empeoran la calidad de vida”.

Atentos a la báscula: Este es el riesgo que tienes de sufrir alzhéimer, según el peso

Rafa Sardiña

¿Cuál es el origen de la enfermedad de Parkinson?

Todo apunta a que el desarrollo de esta enfermedad neurodegenerativa tiene que ver con una combinación de factores de riesgo que no se pueden modificar: envejecimiento y factores genéticos.





Firma de James Parkinson en una carta de 1818 al Sr. Percival, tal y como se conserva en los Archivos de la Sociedad Histórica Natural y Arqueológica de Wiltshire / [HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE: AUTHOR-WHISPYHISTORY,-LICENSING%5BEDIT](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Author-WhispyHistory,-licensing%5Bedit)

No obstante, el **doctor Javier Pagonabarraga**, coordinador del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la Sociedad Española de Neurología, aclara que:

- "La exposición a ciertos factores ambientales podría incrementar o disminuir el riesgo del Parkinson, pero el conocimiento de estos factores aún no es lo suficientemente amplio y se han encontrado resultados contradictorios en muchos estudios".

Una enfermedad cuyo manejo no es sencillo, puntualiza el doctor, dado "los numerosos síntomas motores y no motores que conlleva, junto con las diversas complicaciones que pueden surgir".





PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

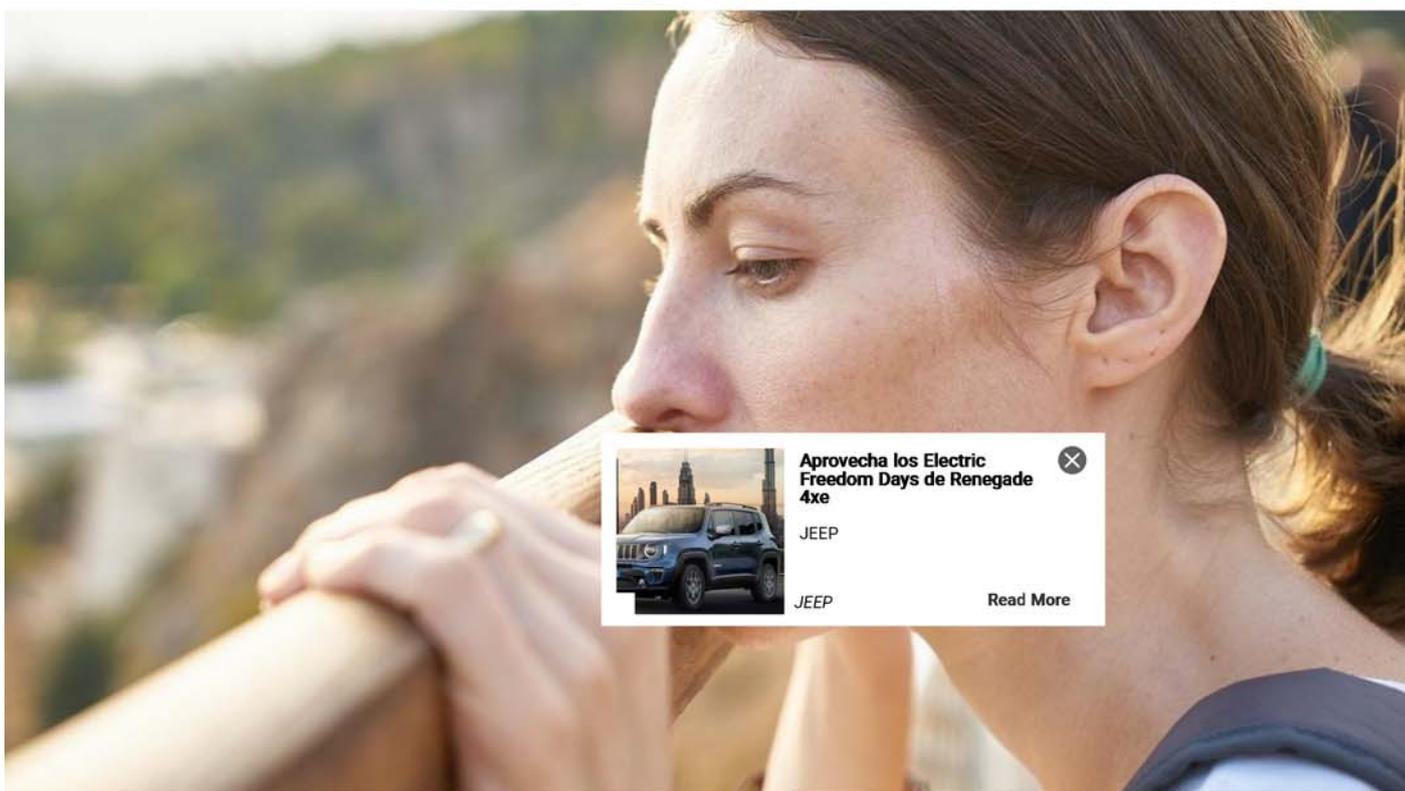
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio [“The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy”](#), publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- “El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos”

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier

daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.



Consulta aquí todas las noticias de La Opinión de Zamora

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

Configura el nuevo ID. Buzz

Volkswagen

Haz clic aquí

Cómo conseguir placas solares casi gratis

Engel Solar

Más información



PUBLICIDAD

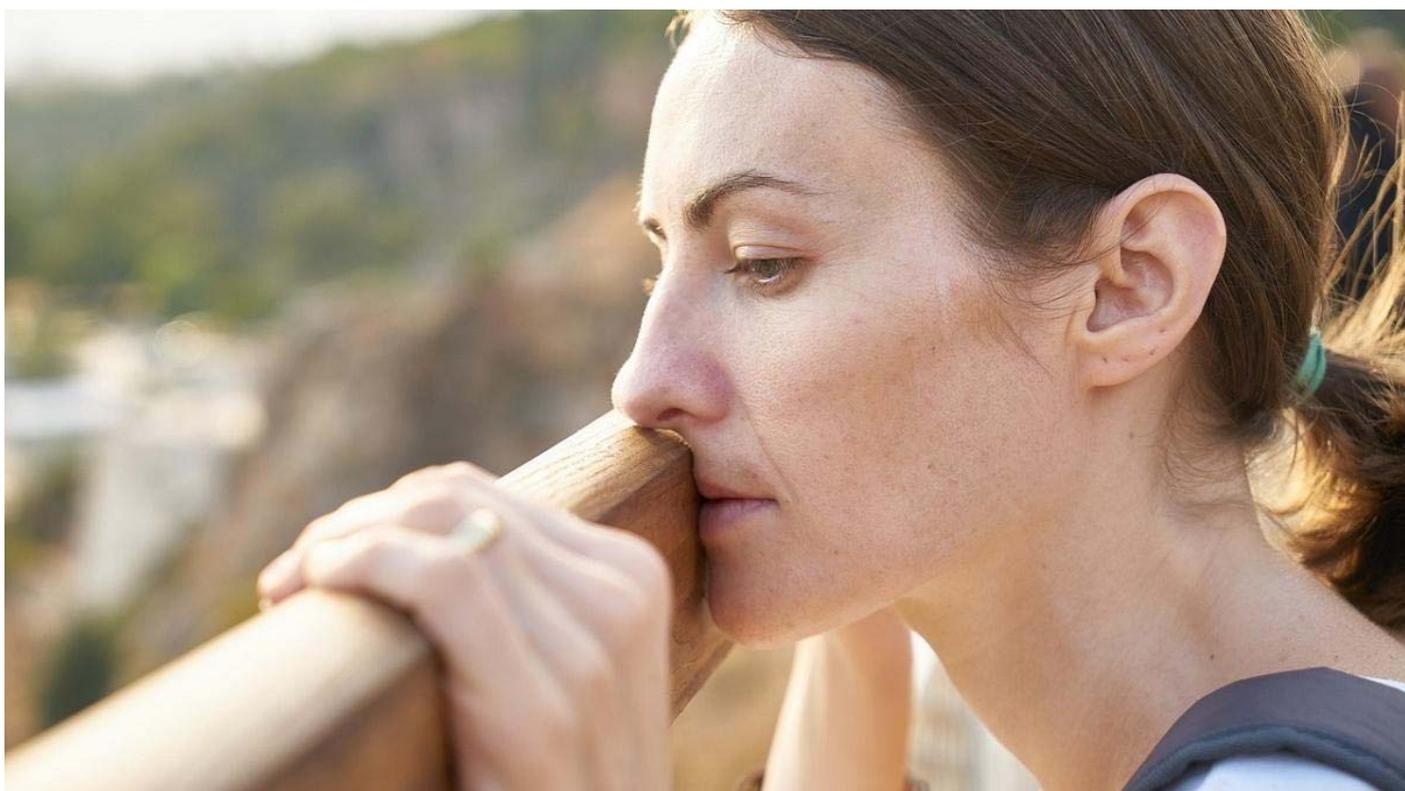
GINECOLOGÍA

Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 11:59 | **Actualizado a las 12:14**

Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

[Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo](#)

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio "[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)", publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

"Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiépilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

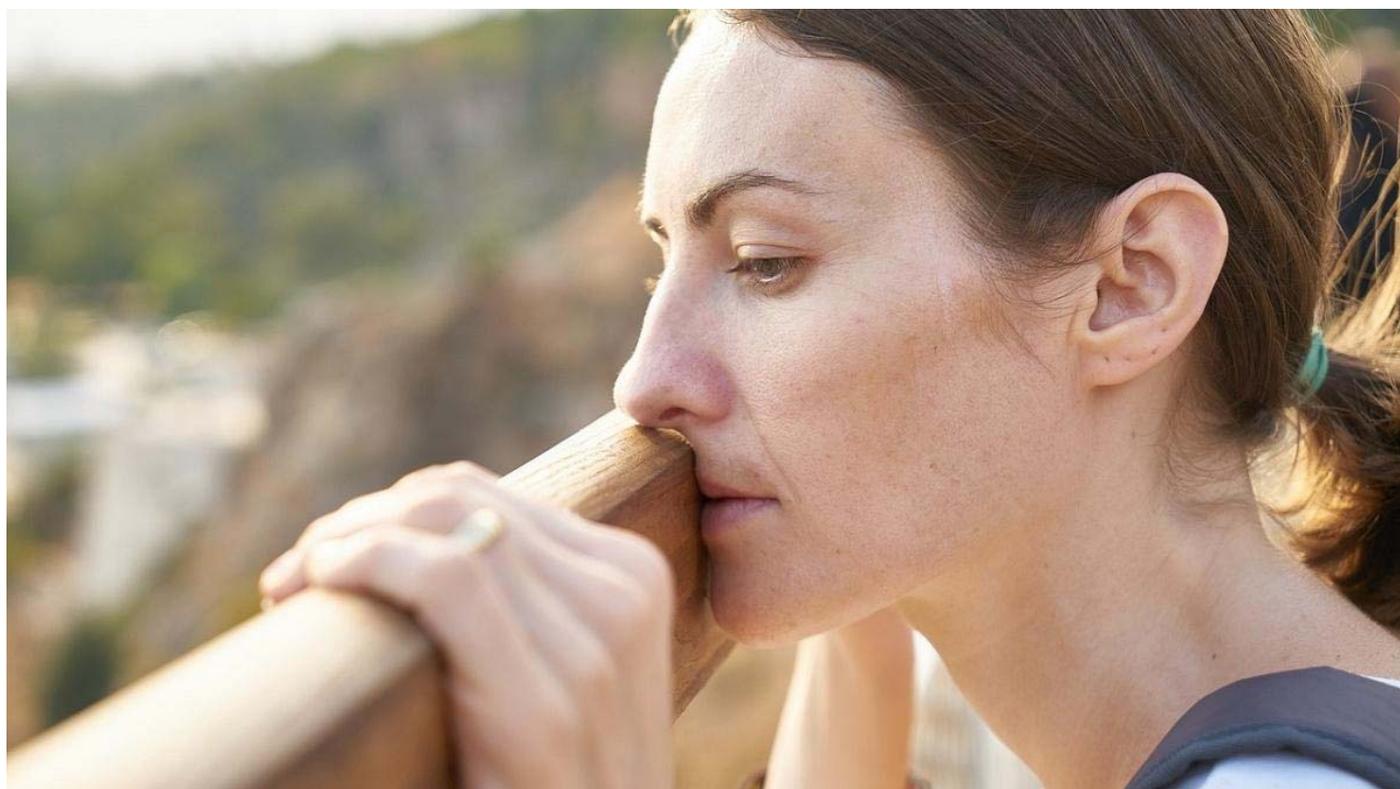
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?



La **Sociedad Española de Neurología (SEN)** estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda

infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

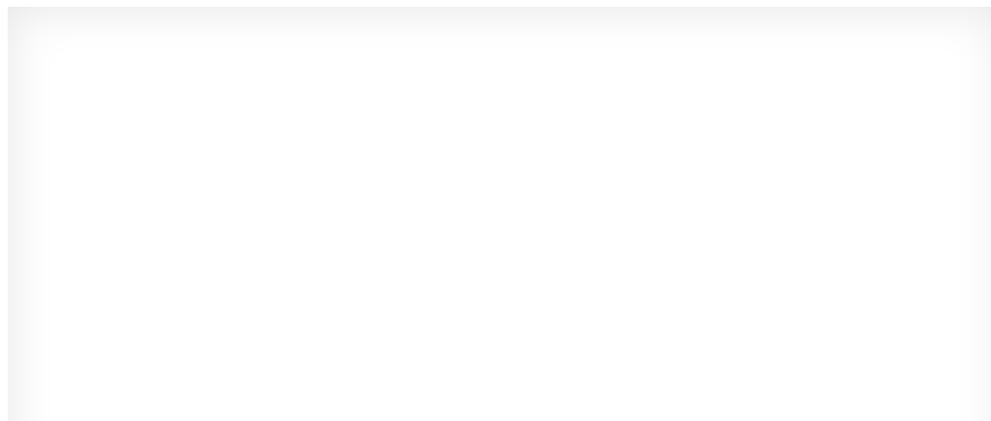
“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao, Santander, Donostia, Vitoria y Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

PUBLICIDAD



Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio [“The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy”](#), publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no está contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no está contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

• “El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como

con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiépilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.



Consulta aquí todas las noticias de El Periódico Extremadura

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

Te puede gustar



DÍA MUNDIAL DEL PARKINSON

[Atrás](#)

La Federación Española de Parkinson recuerda la necesidad de actualizar su Libro Blanco

Redacción EM 11-04-2023



El 11 de abril es la fecha señalada en el calendario en el que el planeta hace protagonista a la enfermedad de Parkinson dado que se conmemora su día mundial. El Parkinson es una de las enfermedades más incapacitantes y la segunda patología neurodegenerativa más frecuente después del Alzheimer. Es una dolencia progresiva y crónica en la que los pacientes experimentan una discapacidad creciente y una calidad de vida reducida, sea cual sea la edad de diagnóstico. Actualmente, no tiene cura, pero existen tratamientos para paliar los síntomas.

Hace solo unas semanas, la Federación Española de Parkinson (FEP), como entidad representante del colectivo párkinson y su movimiento asociativo en nuestro país, recordó la necesidad de actualizar el 'Libro Blanco del Parkinson: Aproximación, análisis y propuesta de futuro', publicado en 2015, con el fin de contar con un documento de referencia que se ajuste al actual contexto sociosanitario, asociativo y político.

Y este proyecto será pronto realidad gracias a la subvención procedente del 0,7% del Ministerio de Derechos Sociales y Agenda 2030 y estará gestionado por Cocemfe. Esta iniciativa contará con diversas fases metodológicas como la evaluación de la publicación de 2015, el análisis del contexto externo e interno actual y la revisión documental de referencias bibliográficas. Todo ello teniendo en cuenta la voz de las personas afectadas por la enfermedad de Parkinson (EP), sus familiares y las personas cuidadoras; así como de las asociaciones de párkinson federadas y entidades adheridas. Para enriquecer y aportar valor a esta iniciativa, se contará con las aportaciones de los principales agentes clave de la EP en materia de sanidad, derechos sociales e investigación.

Para que esta nueva publicación refleje de manera holística la situación actual del colectivo, se tendrá en cuenta, además, el actual contexto nacional tras la pandemia; y se contemplará un enfoque centrado en la persona y con perspectiva de género. Esto último es muy importante. Y es que en un reciente estudio del proyecto Coppadis, impulsado por el Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento (GETM) de la Sociedad Española de Neurología (SEN) -publicado en la revista 'Journal of Clinical Medicine'-, la enfermedad de Parkinson no afecta de igual forma a hombres y mujeres. Como señalaron desde esta entidad, "este es el primer estudio realizado en España que analiza las diferencias por sexo en la enfermedad de Parkinson en una gran cohorte de pacientes -410 hombres y 271 mujeres- y es uno de los mayores estudios realizados hasta la fecha en todo el mundo", explicaba Diego Santos, miembro del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la SEN y autor principal de este trabajo. "Diferentes factores genéticos, hormonales, neuroendocrinos y moleculares parecen estar implicados en las diferencias en la patogenia de la enfermedad de Parkinson entre hombres y mujeres. Debido a esto, ya sabemos que la incidencia y prevalencia de la enfermedad de Parkinson es entre 1,5 y 2 veces mayor en hombres que en mujeres y que el inicio de la enfermedad en mujeres es ligeramente más tardío que en hombres".

EN ESPERA DE BUENAS NOTICIAS

Mientras esperamos las novedades que pueda arrojar la celebración del 6º Congreso Mundial de Parkinson -que tendrá lugar del 4 al 7 de julio en Barcelona-, hemos conocido un importante avance en nuestro país que es la disponibilidad de un nuevo tratamiento para contrarrestar los síntomas off (mal control de los síntomas) en las personas con enfermedad de Parkinson. Se trata de Inbrija (Laboratorios Esteve) y es la primera y única levodopa inhalada indicada para el tratamiento intermitente de las fluctuaciones motoras episódicas características de esta patología. Este fármaco tiene una acción rápida (comienza a mejorar los síntomas de las fluctuaciones motoras a partir de los 10 minutos) y sostenida (mantiene su eficacia al menos durante 60 minutos).

De todos modos, son pocas aún las buenas noticias en torno al Parkinson que merece, por muchos motivos, que le dediquemos algo más de tiempo.



EDICIONES AUTONÓMICAS

Andalucía

Área Construcción y DomusVi colocan la primera piedra de la futura residencia de mayores de Bormujos
 La Incubadora de La Noria impulsa 20 proyectos desarrollados por emprendedores y entidades de Málaga
 La Junta invierte 9,1 millones en modernizar 64 Centros de Participación Activa para personas mayores

Castilla y León

El 25 de abril se celebra en Salamanca el I Taller Multidisciplinar 'Diálogos sobre el Buen Envejecer'
 La Consejería de Familia e Igualdad de Oportunidades sube las cuantías económicas mínimas de atención a la dependencia
 La Consejería de Familia firma un acuerdo de colaboración con la asociación ELACyL

Euskadi

'El modelo de cuidados no es equilibrado porque descansa principalmente sobre las mujeres'
 Un 23% de la población vasca cuenta con un seguro médico privado
 El Gobierno Vasco y a Diputación de Gipuzkoa firmarán un convenio para potenciar los ecosistemas locales de cuidados

Galicia

Ortigueira acoge el curso 'De maior crea'
 Agadea Alzheimer alerta que una detección precoz es 'una señal esperanzadora'
 Rueda destaca que la Xunta avala el nuevo decreto de dependencia que facilitará el acceso a servicios y ayudas



PUBLICIDAD

NEUROLOGÍA

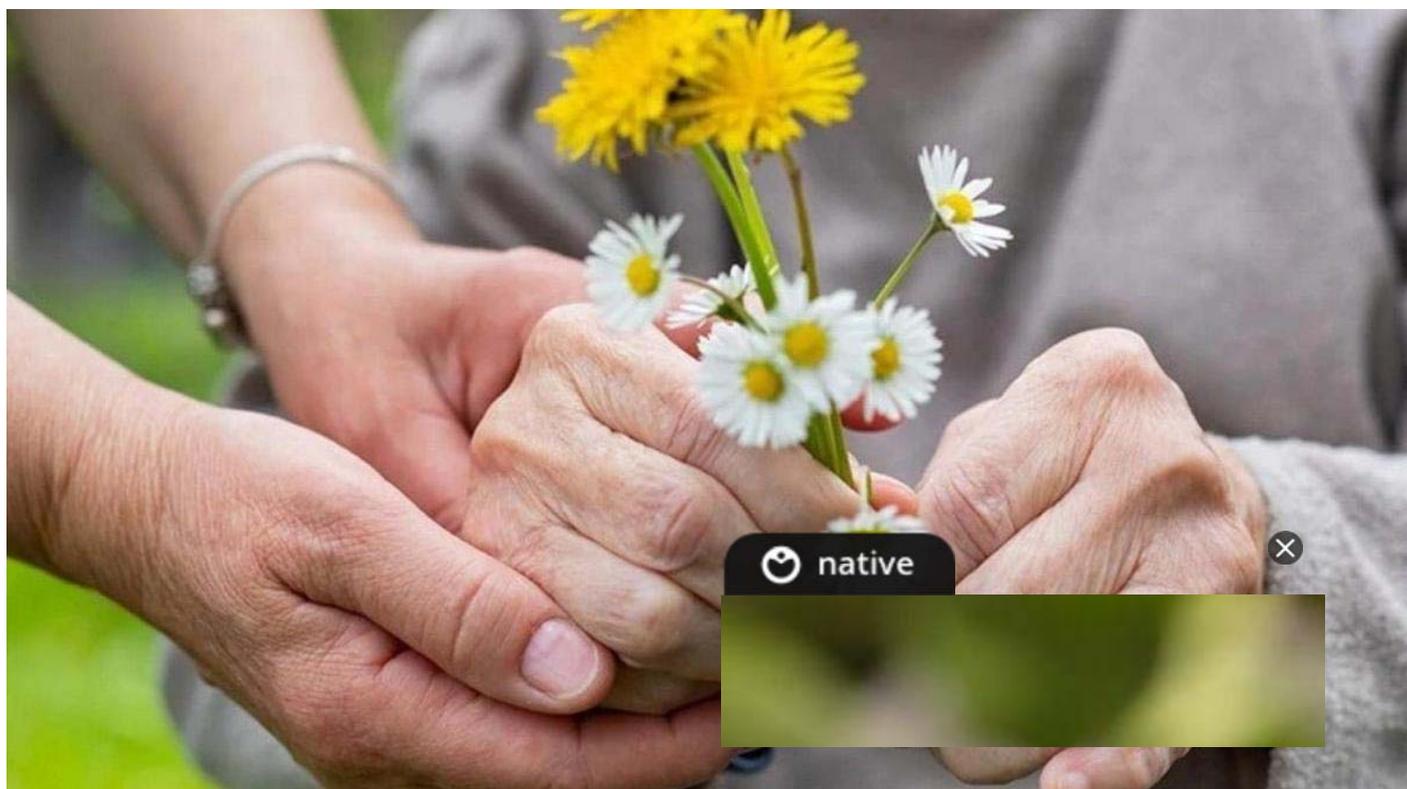
Parkinson: en España hay un retraso diagnóstico de entre uno y tres años

Más de 150.000 personas padecen esta dolencia crónica y progresiva y, cada año, se diagnostican unos 10.000 casos nuevos en nuestro país donde los fisioterapeutas se quejan de falta de recursos públicos para rehabilitación



Nieves Salinas

11·04·23 | 09:07



Un estudio analiza las diferencias por sexo en enfermedad de Parkinson.

La discapacidad y mortalidad de la [enfermedad de Parkinson](#) están aumentando más rápido que cualquier otra dolencia neurológica. En España, según

datos de la **Sociedad Española de Neurología (SEN)**, más de 150.000 personas están afectadas por esta enfermedad **crónica y progresiva** y, cada año, se diagnostican **unos 10.000 casos nuevos**. Los especialistas recuerdan que no siempre es fácil identificar la dolencia de forma temprana. **Es más, existe un retraso diagnóstico de entre uno y tres años** y esto hace que, aproximadamente, **un tercio de los nuevos casos estén aun sin diagnosticar**.

Este martes 11 de abril, **es el Día Mundial del Parkinson**, la segunda enfermedad neurodegenerativa con mayor incidencia en el mundo. La Organización Mundial de la Salud (**OMS**) advirtió recientemente que la prevalencia de esta enfermedad se ha **duplicado en los últimos 25 años** y este aumento ha producido que, en este tiempo, también se haya duplicado la pérdida de años de vida ajustados por discapacidad. **En el 90% de los casos**, la causa de la enfermedad **sigue siendo desconocida**, aunque la comunidad científica cada vez tiene más evidencias de que su origen es el resultado de una combinación de factores ambientales **en personas genéticamente predisuestas**.

Aumento de casos

El doctor **Álvaro Sánchez Ferro**, coordinador del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la SEN, explica que los avances diagnósticos y terapéuticos que ha experimentado **esta enfermedad** en los últimos años son algunas de las **razones que explican este aumento de casos**. Pero sobre todo, detrás de este incremento, dicen los neurólogos, está el **progresivo envejecimiento de la población**. La edad sigue siendo el principal riesgo para padecer la enfermedad. Sobre todo, **a partir de los 60 años**.

Con una esperanza de vida cada vez mayor en la población se calcula que, en España, el número de afectados puede triplicarse en los próximos 30 años

Los especialistas estiman **que afecta a un 2% de la población mayor de 65 años** y la prevalencia pasa al 4% a partir de los 80 años. Con una esperanza de vida cada vez mayor en la población, calculan que, en España, el número de afectados **puede triplicarse en los próximos 30 años**. En todo caso, hace tiempo que vienen avisando:

la enfermedad no sólo afecta a personas de edad avanzada. Aproximadamente un 15% de los casos actualmente diagnosticados en nuestro país son de personas menores de 50 años.

PUBLICIDAD

REPSOL

Contrata la luz y el gas con Repsol y ahorra en tus repostajes

Contrata ahora

Más información en repsol.es

REPSOL

Contrata la luz y el gas con Repsol y ahorra en tus repostajes

Contrata ahora

Más información en repsol.es

La carga genética

Otro aspecto que resaltan es que, **aunque tener un familiar cercano con la enfermedad aumenta las posibilidades de padecer este trastorno, sólo un 10% de los casos corresponden a formas hereditarias.** "Teniendo en cuenta el desafío que supone el previsible incremento de nuevos casos de esta enfermedad, se hace muy necesario llevar a cabo estrategias de prevención sobre aquellos factores que ya sabemos **que pueden aumentar el riesgo de padecerla**", señala el doctor Álvaro Sánchez Ferro.

Una persona mayor hace ejercicio. / EPE

Lo que saben los médicos es que **un buen estilo de vida** ayuda a protegerse contra la enfermedad de Parkinson y eso incluye realizar ejercicio físico de forma regular, **apostar por la dieta mediterránea**, o controlar la hipertensión y la diabetes tipo 2. Por otra parte, **la exposición a pesticidas, a disolventes industriales**, a la contaminación del aire, o a infecciones por *helicobacter pylori* o hepatitis C, también se han asociado, entre otros factores, **a un mayor riesgo de desarrollar esta enfermedad**. "Es necesario debatir programas de salud pública que eviten la exposición de la población a estos", remarcan los neurólogos.

10.000 casos nuevos

Cada año se diagnostican en España unos 10.000 casos nuevos de esta enfermedad caracterizada por producir diversos **síntomas motores y no motores**. Entre los primeros, los más habituales **son el temblor y la lentitud de movimientos**. Y además de los síntomas que ocurren al inicio, aparecen otros problemas con la evolución de la enfermedad como las **fluctuaciones motoras se hacen presentes en más del 80% de los pacientes** tras 5 y 10 años desde el diagnóstico.

Hasta en un 40% de los casos la primera manifestación del

Parkinson es la depresión y, esto, puede llevar a diversos errores diagnósticos

Pero los síntomas motores no siempre son los primeros en aparecer al inicio. **Hasta en un 40% de los casos, la primera manifestación del Parkinson es la depresión** y, esto, puede llevar a diversos errores diagnósticos. Entre otros síntomas no motores destacan la ansiedad, **los problemas cognitivos**, trastornos del sueño, dolor, estreñimiento, problemas de deglución o **en la función genitourinaria**.

Se tiende a asociar la enfermedad únicamente a la sintomatología motora cuando, en realidad, se puede manifestar de muchísimas otras formas

Los neurólogos explican que se tiende a asociar la enfermedad únicamente a la sintomatología motora cuando, en realidad, se puede **manifestar de muchísimas otras formas**. Y de hecho, los síntomas no motores pueden llegar a ser, en muchas ocasiones, muy incapacitantes. Cuando los primeros síntomas no son los motores o no son tan evidentes puede ser complicado identificarla e incluso difícil de diferenciar de otros **síndromes parkinsonianos**. El doctor Sánchez Ferro **señala que actualmente en España** hay un retraso diagnóstico de entre uno y tres años y esto hace que, aproximadamente, **un tercio de los nuevos casos estén todavía sin diagnosticar**.

Los fármacos

Sobre el **tratamiento farmacológico** del que se dispone, los neurólogos indican que, aunque no logran detener el proceso degenerativo, resulta eficaz para mejorar la mayoría de los síntomas motores y para muchos de los síntomas no motores. **Es una enfermedad neurodegenerativa**, crónica y progresiva que afecta a muchos sistemas; entre ellos, al sistema motor, provocando rigidez, lentitud en el movimiento y temblor. Viene provocado por la falta de una **sustancia llamada 'dopamina'**, que se encarga de que las personas **realicen los movimientos con toda normalidad**.

Los últimos estudios evidencian, además, que la dolencia no afecta a todas las personas por igual y **existen diferencias en cuanto a sexo en los síntomas. Depresión, fatiga y dolor** son más frecuentes y/o severos **en mujeres**, mientras que hipomimia (disminución en la expresión facial), problemas del habla, rigidez e **hipersexualidad son más comunes en los hombres**. Son algunas de las conclusiones de un reciente estudio impulsado por el Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento (GETM) de la SEN, publicado en la revista *Journal of Clinical Medicine*.

Una mujer mayor en una residencia. / EPE

Es el primer informe realizado en España que analiza las diferencias por sexo en la enfermedad de Parkinson en una gran cohorte de pacientes **-410 hombres y 271 mujeres-** y es uno de los mayores que se han llevado a cabo hasta la fecha en todo el mundo. Los investigadores detallan que diversos **factores genéticos, hormonales, neuroendocrinos y moleculares** parecen estar implicados en las diferencias en la patogenia de la enfermedad de Parkinson entre hombres y mujeres.

Saben que la incidencia y prevalencia de la dolencia es **entre 1,5 y 2 veces mayor en hombres** que en mujeres y que el inicio **de la enfermedad en mujeres** es ligeramente más tardío que en hombres, pero querían ver también cómo estos factores influyen en los síntomas motores y no motores de la enfermedad, **en la calidad de vida y en la autonomía diaria** de sus pacientes.

Los hombres con enfermedad de Parkinson muestran una mayor tendencia a desarrollar una mayor discapacidad relacionada con los síntomas no motores

El trabajo revela que los hombres con enfermedad de Parkinson muestran una mayor tendencia a desarrollar una mayor **discapacidad relacionada con los síntomas no motores**. Por el contrario, las mujeres ven más afectada su capacidad funcional para realizar las actividades de la vida diaria y la percepción de pérdida de calidad de vida también **es generalmente mayor en las mujeres**.

Las reclamaciones

Desde el colectivo de pacientes, la **Federación Española de Párkinson (FEP)** y sus asociaciones, han querido lanzar este año una campaña titulada '**Dame mi tiempo**' en la que indican en el desconocimiento en torno a la enfermedad y sus síntomas lo que, aseguran, **provoca numerosos estereotipos y prejuicios**. La desinformación, explica Alicia Campos, directora de la entidad, hace que, en muchas ocasiones, **no se respeten los tiempos que las personas necesitan** en el desarrollo de su actividad diaria y su vida social.

Las asociaciones de pacientes piden mayor empatía. / EPE

La fluctuación de síntomas suponen cambios son imprevisibles que limitan gravemente la calidad de vida de las personas e **impactan directamente en esas relaciones**. Los bloqueos de la marcha, la lentitud de movimientos, la falta de equilibrio al caminar, [la rigidez facial](#) o la alteración de la voz son síntomas desconocidos, aseguran desde la Federación que, recuerda, si se manifiestan cuando las personas **están en espacios públicos o eventos sociales**, "les sitúan en una **posición vulnerable ante las miradas, gestos y actitudes** de una sociedad que desconoce la verdadera complejidad de esta enfermedad".

Más recursos públicos

El **Colegio Profesional de Fisioterapeutas de la Comunidad de Madrid (CPFCEM)**, por su parte, ha aprovechado la conmemoración mundial para pedir un mayor respaldo **desde el sistema público**, que no cubre el tratamiento no farmacológico, como la neurorrehabilitación. Como tantas otras veces sucede, **son las asociaciones de pacientes**, sobre todo, **quienes tienen que financiarlos**.

Ana Herrero de Hoyos, presidenta de la Comisión de Fisioterapia en Neurología del CPFCEM, explica que la fisioterapia hace posible el movimiento. El objetivo es **mejorar la calidad de ese movimiento**, consiguiendo un mayor control postural, estabilidad y una marcha más ajustada a la normalidad. Todo ello, para minimizar la espasticidad, la fatiga y temblores, además de prevenir futuras contracturas y lesiones. Actúa reeducando la postura, para prevenir dolores; trabajando la fuerza, tono muscular y elasticidad del sistema musculoesquelético o **ejercitando las reacciones de equilibrio y enderezamiento**, para así evitar caídas, **concluyen los fisioterapeutas**.

TEMAS España - Parkinson - rehabilitación - Neurología - enfermedades -



CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed
Enlaces Promovidos

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023

NEUROLOGÍA

PUBLICIDAD

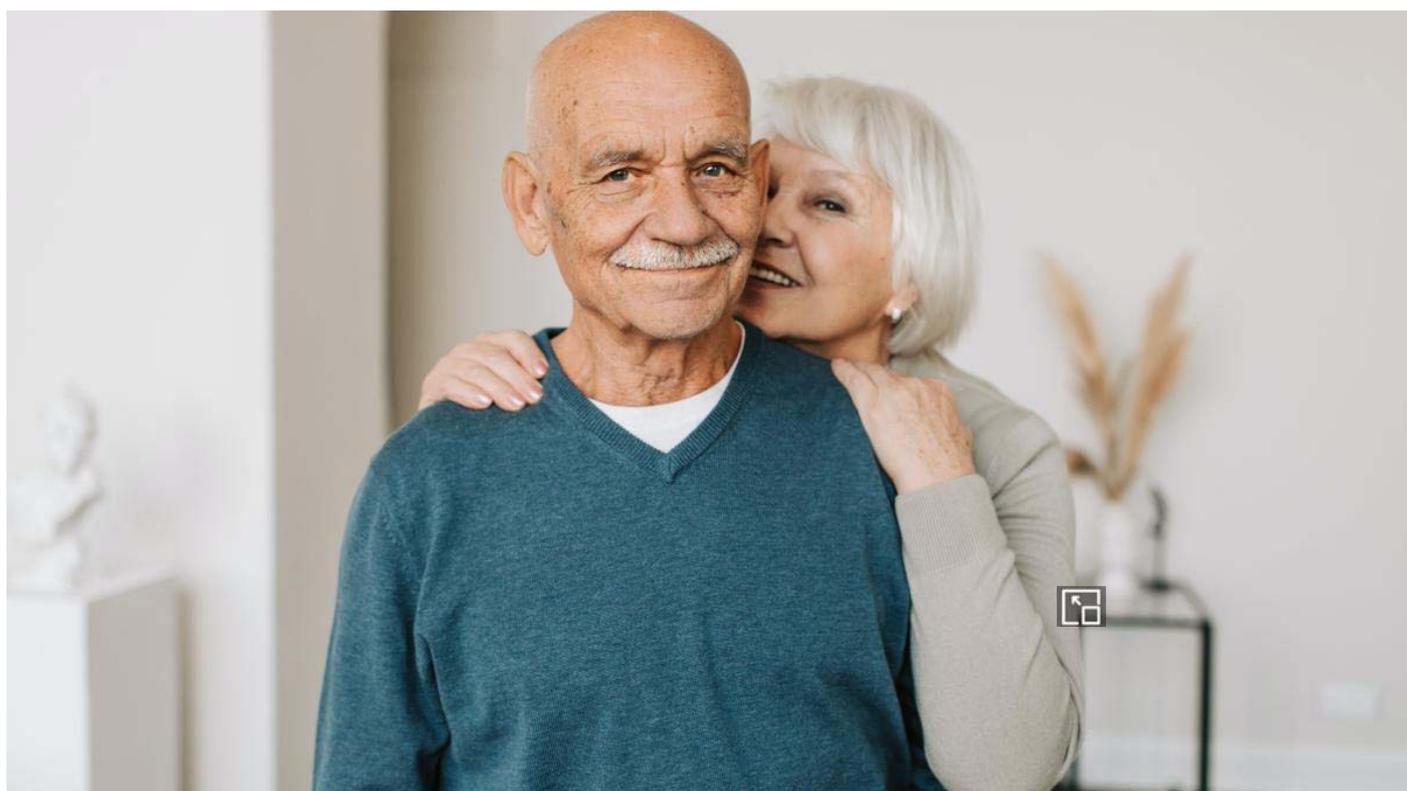
pueden poner en alerta con años de antelación

En este artículo incluimos un enlace para participar en una encuesta con la que, si tiene entre 50 y 80 años, con solo 20 minutos puede ayudar a ralentizar, detener o incluso invertir el proceso del Parkinson



Rafa Sardiña

11·04·23 | 06:00 | Actualizado a las 06:01



Identificar con antelación el riesgo de padecer Parkinson puede ser un gran avance / VLADA KARPOVICH

Según la [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#), unas 120.000-150.000 personas padecen la enfermedad de Parkinson en España.

RELACIONADAS

¿Bailar una vez a la semana puede reducir el avance de los síntomas del Parkinson?

Se estima que cada año se diagnostican más de 10.000 nuevos casos. Y aunque el 70% de ellos tiene más de 65 años, hay un preocupante 15% que tienen menos de 50 años.

Demencia: A qué edad empieza, cuáles son los primeros síntomas y cómo prevenirla

Rebeca Gil

Los síntomas más habituales, y conocidos por todos, son:

- Temblor de reposo
- Rigidez
- Pérdida de habilidad
- Rapidez para realizar funciones motoras
- Trastornos posturales y/o trastorno de la marcha.

El párkinson es la segunda enfermedad neurodegenerativa más frecuente en nuestro país / STADA

Sin embargo, hay ciertos **síntomas no motores**, y que **empiezan 5-10 años antes** del diagnóstico, que son marcadores precoces del párkinson.

Así lo explica la **doctora María José Martí**, directora de la Unidad de Párkinson y Trastornos del Movimiento del [Hospital Clínic de Barcelona](#), coincidiendo con el [Día Mundial del Parkinson](#):

“Es importante saber que hay algunos síntomas que se dan muchos antes de que empiecen los típicos temblores”.

PUBLICIDAD

Y esos síntomas son:

- Estreñimiento. La Sociedad Española de Neurología calcula que “puede aparecer a lo largo de la vida en el 10-15% de la población, pero en el 100% de los casos de párkinson”.

- Depresión. Síntomas como la ansiedad o la depresión, en cambio, son más frecuentes en las mujeres que en los hombres con párkinson.
- Pérdida del olfato.
- Trastorno del sueño.
- Disfunción sexual.
- Producción excesiva de saliva.

Y es que, como señala la especialista a este portal:

- "La gente se da cuenta solo si tiene temblor o dificultad para caminar, y no le da importancia a este tipo de síntomas que pueden predecir la enfermedad de Parkinson".

También es conveniente resaltar que entre un "30-40% de los casos, los pacientes no presentan temblor", que es el síntoma más característico de esta patología, la **segunda enfermedad neurodegenerativa más frecuente**, después de la enfermedad de Alzheimer.

Los temblores son el síntoma más habitual del párkinson, pero no es el único que debe alertarnos / ABBVIE - ARCHIVO

La importancia de la detección precoz

La detección precoz del párkinson, como ocurre con el resto de enfermedades neurodegenerativas, es uno de los pilares fundamentales para el buen funcionamiento de los tratamientos.

- "La urgencia es detectarla lo antes posible y, sobre todo, las personas que están en riesgo de padecer alguna de estas patologías".

Por eso, la doctora Martí lidera una investigación que tiene como objetivo identificar a las personas con un alto riesgo de padecer enfermedades neurodegenerativas, como es el caso del párkinson.

Así, se podría iniciar una terapia lo antes posible y anticiparse incluso a la aparición de los síntomas motores de esta enfermedad “crónica y progresiva”.

A través de esta encuesta ([que se puede realizar en el siguiente enlace](#)) se pretende obtener información de las **fases más iniciales** de la enfermedad de Parkinson para ralentizar, detener o incluso invertir el proceso. Y es muy recomendable participar, porque con muy poco esfuerzo podemos ayudar a la ciencia y a los posibles pacientes.

En esta investigación, en la que se pretenden conseguir al menos 10.000 voluntarios, también participa el **doctor Eduard Tolosa**, del Hospital Clínic de Barcelona.

En la actualidad, tal y como resalta la doctora Martí, no existe ningún fármaco que revierta o ralentice la enfermedad.

- “Solo tenemos tratamientos para mejorar los síntomas: temblor, cómo hablan, el movimiento, caminar... Pero no paran el avance de la enfermedad. Y es lo que queremos, porque a la larga se van sumando problemas que empeoran la calidad de vida”.

Atentos a la báscula: Este es el riesgo que tienes de sufrir alzhéimer, según el peso

Rafa Sardiña

¿Cuál es el origen de la enfermedad de Parkinson?

Todo apunta a que el desarrollo de esta enfermedad neurodegenerativa tiene que ver con una combinación de factores de riesgo que no se pueden modificar: envejecimiento y factores genéticos.

Firma de James Parkinson en una carta de 1818 al Sr. Percival, tal y como se conserva en los Archivos de la Sociedad Histórica Natural y Arqueológica de Wiltshire / [HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE: AUTHOR-WHISPYHISTORY,-LICENSING%5BEDIT](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Author-WhispyHistory,-licensing%5Bedit)

No obstante, el **doctor Javier Pagonabarraga**, coordinador del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la Sociedad Española de Neurología, aclara que:

- "La exposición a ciertos factores ambientales podría incrementar o disminuir el riesgo del Parkinson, pero el conocimiento de estos factores aún no es lo suficientemente amplio y se han encontrado resultados contradictorios en muchos estudios".

Una enfermedad cuyo manejo no es sencillo, puntualiza el doctor, dado "los numerosos síntomas motores y no motores que conlleva, junto con las diversas complicaciones que pueden surgir".

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Tabla Feed
Enlaces Promovidos

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023



PUBLICIDAD

NEUROLOGÍA

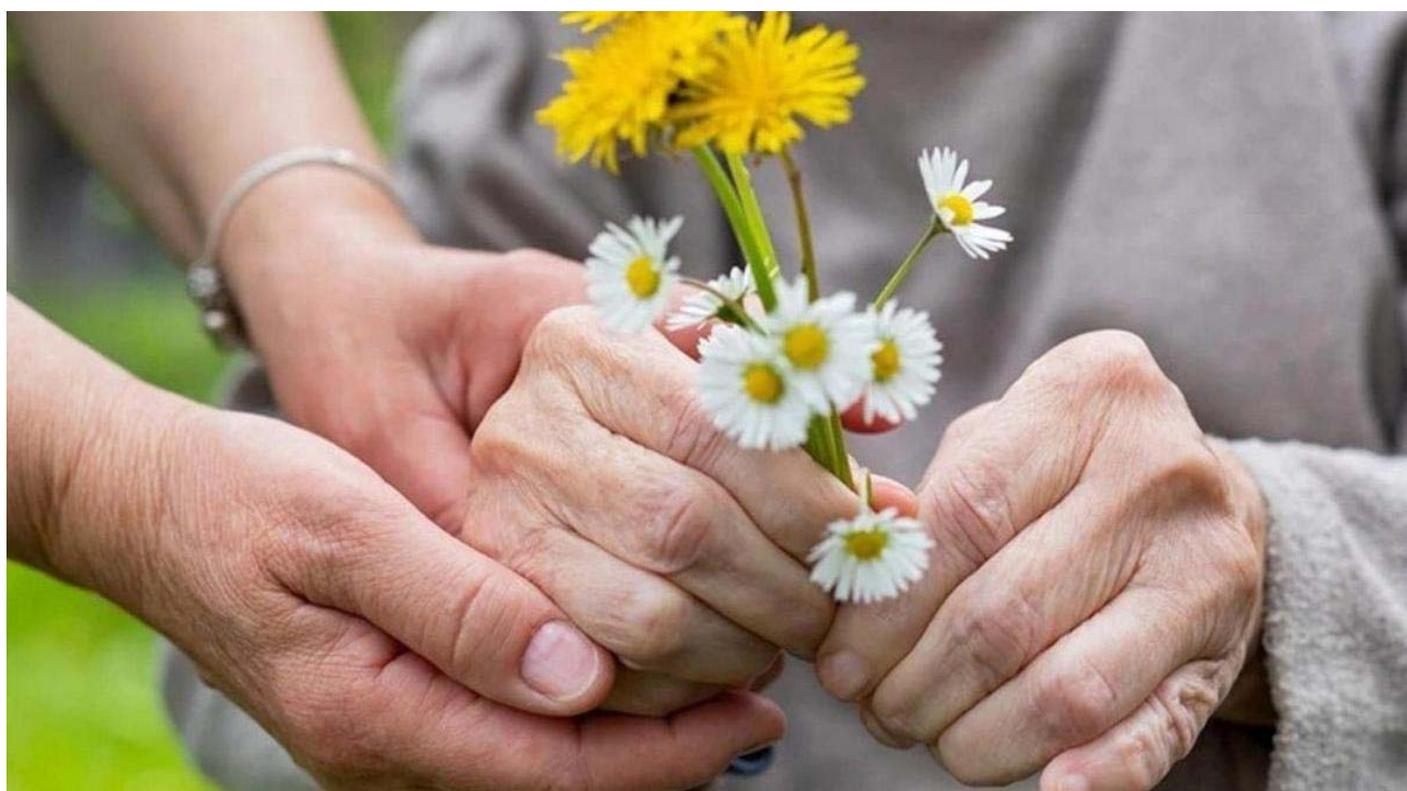
Parkinson: en España hay un retraso diagnóstico de entre uno y tres años

Más de 150.000 personas padecen esta dolencia crónica y progresiva y, cada año, se diagnostican unos 10.000 casos nuevos en nuestro país donde los fisioterapeutas se quejan de falta de recursos públicos para rehabilitación



Nieves Salinas

11·04·23 | 09:07



Un estudio analiza las diferencias por sexo en enfermedad de Parkinson.

La discapacidad y mortalidad de la [enfermedad de Parkinson](#) están aumentando más rápido que cualquier otra dolencia neurológica. En España, según

datos de la **Sociedad Española de Neurología (SEN)**, más de 150.000 personas están afectadas por esta enfermedad **crónica y progresiva** y, cada año, se diagnostican **unos 10.000 casos nuevos**. Los especialistas recuerdan que no siempre es fácil identificar la dolencia de forma temprana. **Es más, existe un retraso diagnóstico de entre uno y tres años** y esto hace que, aproximadamente, **un tercio de los nuevos casos estén aun sin diagnosticar**.

Este martes 11 de abril, **es el Día Mundial del Parkinson**, la segunda enfermedad neurodegenerativa con mayor incidencia en el mundo. La Organización Mundial de la Salud (**OMS**) advirtió recientemente que la prevalencia de esta enfermedad se ha **duplicado en los últimos 25 años** y este aumento ha producido que, en este tiempo, también se haya duplicado la pérdida de años de vida ajustados por discapacidad. **En el 90% de los casos**, la causa de la enfermedad **sigue siendo desconocida**, aunque la comunidad científica cada vez tiene más evidencias de que su origen es el resultado de una combinación de factores ambientales **en personas genéticamente predisuestas**.

Aumento de casos

El doctor **Álvaro Sánchez Ferro**, coordinador del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la SEN, explica que los avances diagnósticos y terapéuticos que ha experimentado **esta enfermedad** en los últimos años son algunas de las **razones que explican este aumento de casos**. Pero sobre todo, detrás de este incremento, dicen los neurólogos, está el **progresivo envejecimiento de la población**. La edad sigue siendo el principal riesgo para padecer la enfermedad. Sobre todo, **a partir de los 60 años**.

Con una esperanza de vida cada vez mayor en la población se calcula que, en España, el número de afectados puede

triplicarse en los próximos 30 años

Los especialistas estiman **que afecta a un 2% de la población mayor de 65 años** y la prevalencia pasa al 4% a partir de los 80 años. Con una esperanza de vida cada vez mayor en la población, calculan que, en España, el número de afectados **puede triplicarse en los próximos 30 años**. En todo caso, hace tiempo que vienen avisando: la enfermedad no sólo afecta a personas de edad avanzada. Aproximadamente un 15% de los casos actualmente diagnosticados en nuestro **país son de personas menores de 50 años**.

La carga genética

Otro aspecto que resaltan es que, **aunque tener un familiar cercano con la enfermedad aumenta las posibilidades de padecer este trastorno, sólo un 10% de los casos corresponden a formas hereditarias**. "Teniendo en cuenta el desafío que supone el previsible incremento de nuevos casos de esta enfermedad, se hace muy necesario llevar a cabo estrategias de prevención sobre aquellos factores que ya sabemos **que pueden aumentar el riesgo de padecerla**", señala el doctor Álvaro Sánchez Ferro.

Lo que saben los médicos es que **un buen estilo de vida** ayuda a protegerse contra la enfermedad de Parkinson y eso incluye realizar ejercicio físico de forma regular, **apostar por la dieta mediterránea**, o controlar la hipertensión y la diabetes tipo 2. Por otra parte, **la exposición a pesticidas, a disolventes industriales**, a la contaminación del aire, o a infecciones por *helicobacter pylori* o hepatitis C, también se han asociado, entre otros factores, **a un mayor riesgo de desarrollar esta enfermedad**. "Es necesario debatir programas de salud pública que eviten la exposición de la población a estos", remarcan los neurólogos.

10.000 casos nuevos

Cada año se diagnostican en España unos 10.000 casos nuevos de esta enfermedad caracterizada por producir diversos **síntomas motores y no motores**. Entre los primeros, los más habituales **son el temblor y la lentitud de movimientos**. Y además de los síntomas que ocurren al inicio, aparecen otros problemas con la evolución de la enfermedad como las **fluctuaciones motoras se hacen presentes en más del 80% de los pacientes** tras 5 y 10 años desde el diagnóstico.

Hasta en un 40% de los casos la primera manifestación del Parkinson es la depresión y, esto, puede llevar a diversos errores diagnósticos

Pero los síntomas motores no siempre son los primeros en aparecer al inicio. **Hasta en un 40% de los casos, la primera manifestación del Parkinson es la depresión** y, esto, puede llevar a diversos errores diagnósticos. Entre otros síntomas no motores destacan la ansiedad, **los problemas cognitivos**, trastornos del sueño, dolor, estreñimiento, problemas de deglución o **en la función genitourinaria**.

Se tiende a asociar la enfermedad únicamente a la sintomatología motora cuando, en realidad, se puede manifestar de muchísimas otras formas

Los neurólogos explican que se tiende a asociar la enfermedad únicamente a la sintomatología motora cuando, en realidad, se puede **manifestar de muchísimas otras formas**. Y de hecho, los síntomas no motores pueden llegar a ser, en muchas ocasiones, muy incapacitantes. Cuando los primeros síntomas no son los motores o no son tan evidentes puede ser complicado identificarla e incluso difícil de diferenciar de otros **síndromes parkinsonianos**. El doctor Sánchez Ferro **señala que actualmente en España** hay un retraso diagnóstico de entre uno y tres años y esto hace que, aproximadamente, **un tercio de los nuevos casos estén todavía sin diagnosticar**.

Los fármacos

Sobre el **tratamiento farmacológico** del que se dispone, los neurólogos indican que, aunque no logran detener el proceso degenerativo, resulta eficaz para mejorar la mayoría de los síntomas motores y para muchos de los síntomas no motores. **Es una enfermedad neurodegenerativa**, crónica y progresiva que afecta a muchos sistemas; entre ellos, al sistema motor, provocando rigidez, lentitud en el movimiento y temblor. Viene provocado por la falta de una **sustancia llamada 'dopamina'**, que se encarga de que las personas **realicen los movimientos con toda normalidad**.

Los últimos estudios evidencian, además, que la dolencia no afecta a todas las personas por igual y **existen diferencias en cuanto a sexo en los síntomas**. **Depresión, fatiga y dolor** son más frecuentes y/o severos **en mujeres**, mientras que hipomimia (disminución en la expresión facial), problemas del habla, rigidez e **hipersexualidad son más comunes en los hombres**. Son algunas de las conclusiones de un reciente estudio impulsado por el Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento (GETM) de la SEN, publicado en la revista *Journal of Clinical Medicine*.

Una mujer mayor en una residencia. / EPE

Es el primer informe realizado en España que analiza las diferencias por sexo en la enfermedad de Parkinson en una gran cohorte de pacientes **-410 hombres y 271 mujeres-** y es uno de los mayores que se han llevado a cabo hasta la fecha en todo el mundo. Los investigadores detallan que diversos **factores genéticos, hormonales, neuroendocrinos y moleculares** parecen estar implicados en las diferencias en la patogenia de la enfermedad de Parkinson entre hombres y mujeres.

Saben que la incidencia y prevalencia de la dolencia es **entre 1,5 y 2 veces mayor en hombres** que en mujeres y que el inicio **de la enfermedad en mujeres** es ligeramente más tardío que en hombres, pero querían ver también cómo estos factores influyen en los síntomas motores y no motores de la enfermedad, **en la calidad de vida y en la autonomía diaria** de sus pacientes.

Los hombres con enfermedad de Parkinson muestran una mayor tendencia a desarrollar una mayor discapacidad relacionada con los síntomas no motores

El trabajo revela que los hombres con enfermedad de Parkinson muestran una mayor tendencia a desarrollar una mayor **discapacidad relacionada con los**

síntomas no motores. Por el contrario, las mujeres ven más afectada su capacidad funcional para realizar las actividades de la vida diaria y la percepción de pérdida de calidad de vida también **es generalmente mayor en las mujeres.**

Las reclamaciones

Desde el colectivo de pacientes, la **Federación Española de Párkinson (FEP)** y sus asociaciones, han querido lanzar este año una campaña titulada '**Dame mi tiempo**' en la que indican en el desconocimiento en torno a la enfermedad y sus síntomas lo que, aseguran, **provoca numerosos estereotipos y prejuicios.** La desinformación, explica Alicia Campos, directora de la entidad, hace que, en muchas ocasiones, **no se respeten los tiempos que las personas necesitan** en el desarrollo de su **actividad diaria y su vida social.**

Las asociaciones de pacientes piden mayor empatía. / EPE

La fluctuación de síntomas suponen cambios son imprevisibles que limitan gravemente la calidad de vida de las personas e **impactan directamente en esas relaciones.** Los bloqueos de la marcha, la lentitud de movimientos, la falta de equilibrio al caminar, **la rigidez facial** o la alteración de la voz son síntomas desconocidos, aseguran desde la Federación que, recuerda, si se manifiestan cuando las personas **están en espacios públicos o eventos sociales,** "les sitúan en

una **posición vulnerable ante las miradas, gestos y actitudes** de una sociedad que desconoce la verdadera complejidad de esta enfermedad".

Más recursos públicos

El **Colegio Profesional de Fisioterapeutas de la Comunidad de Madrid (CPFCEM)**, por su parte, ha aprovechado la conmemoración mundial para pedir un mayor respaldo **desde el sistema público**, que no cubre el tratamiento no farmacológico, como la neurorrehabilitación. Como tantas otras veces sucede, **son las asociaciones de pacientes**, sobre todo, **quienes tienen que financiarlos**.

Ana Herrero de Hoyos, presidenta de la Comisión de Fisioterapia en Neurología del



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

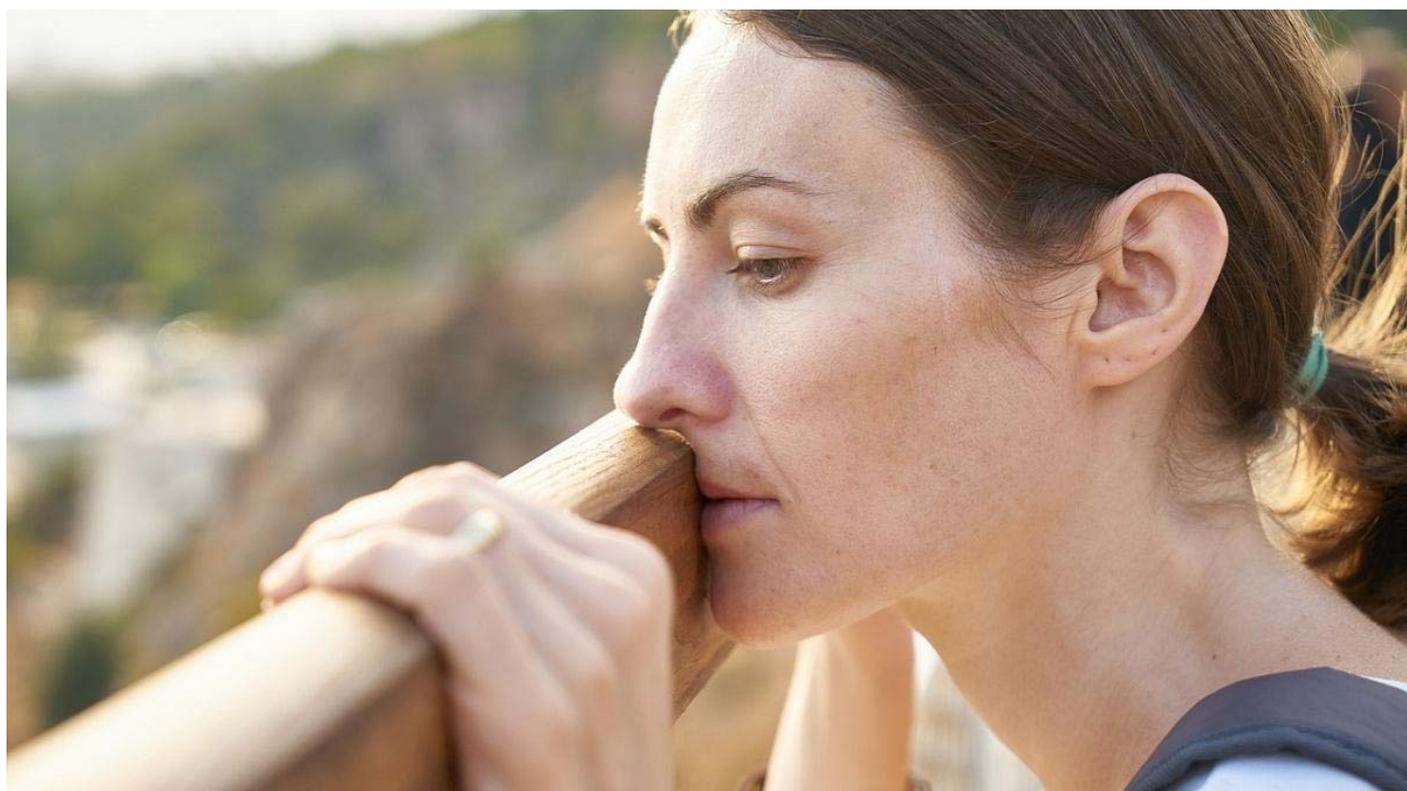
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio "[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)", publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

"Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiépilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

2%TAE al hacerte cliente y 250€ con tu nómina

Banc Sabadell

Enlaces Promovidos 

Ver oferta



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

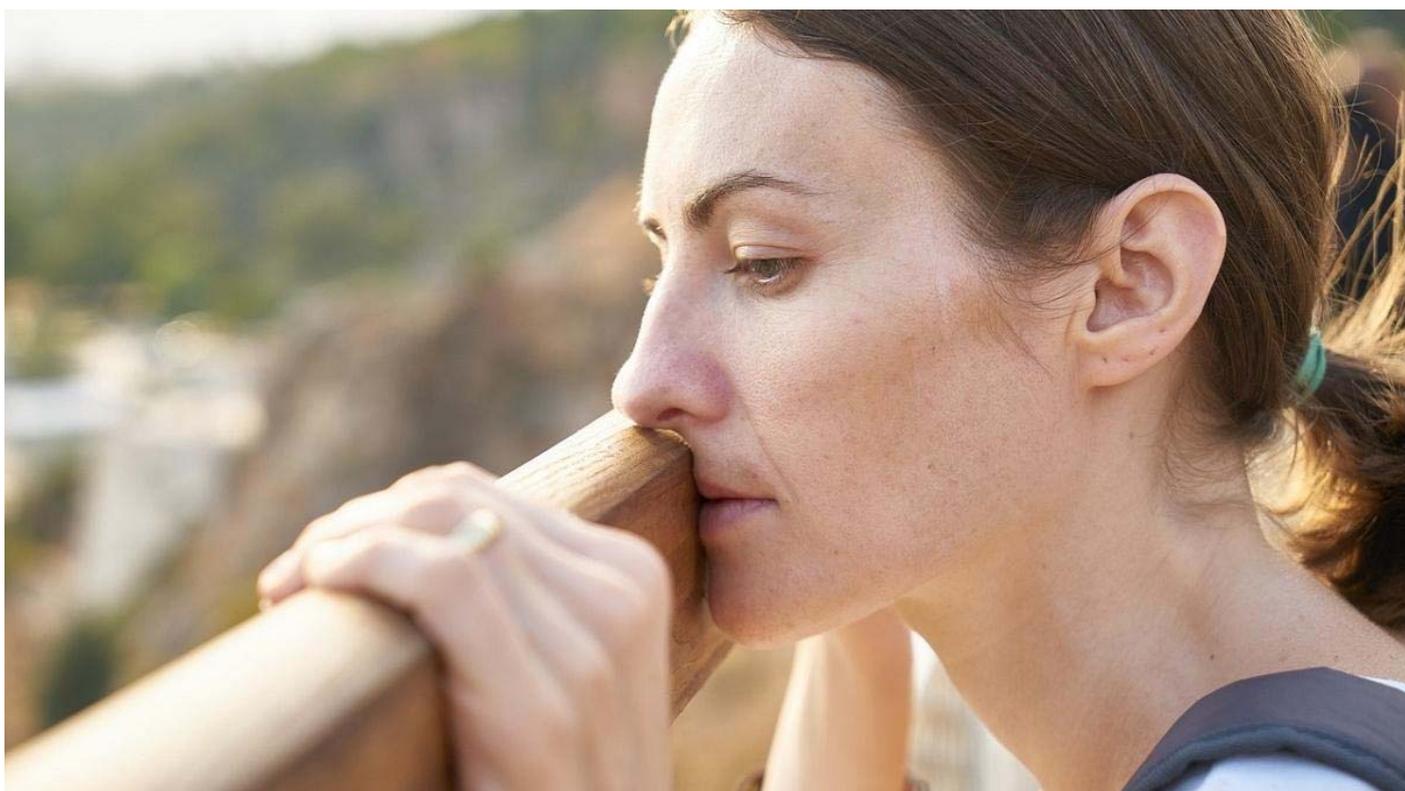
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

[Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo](#)

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio "[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)", publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

"Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiépilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

¿A qué esperas? Hazte con el California

Volkswagen

Haz clic aquí



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

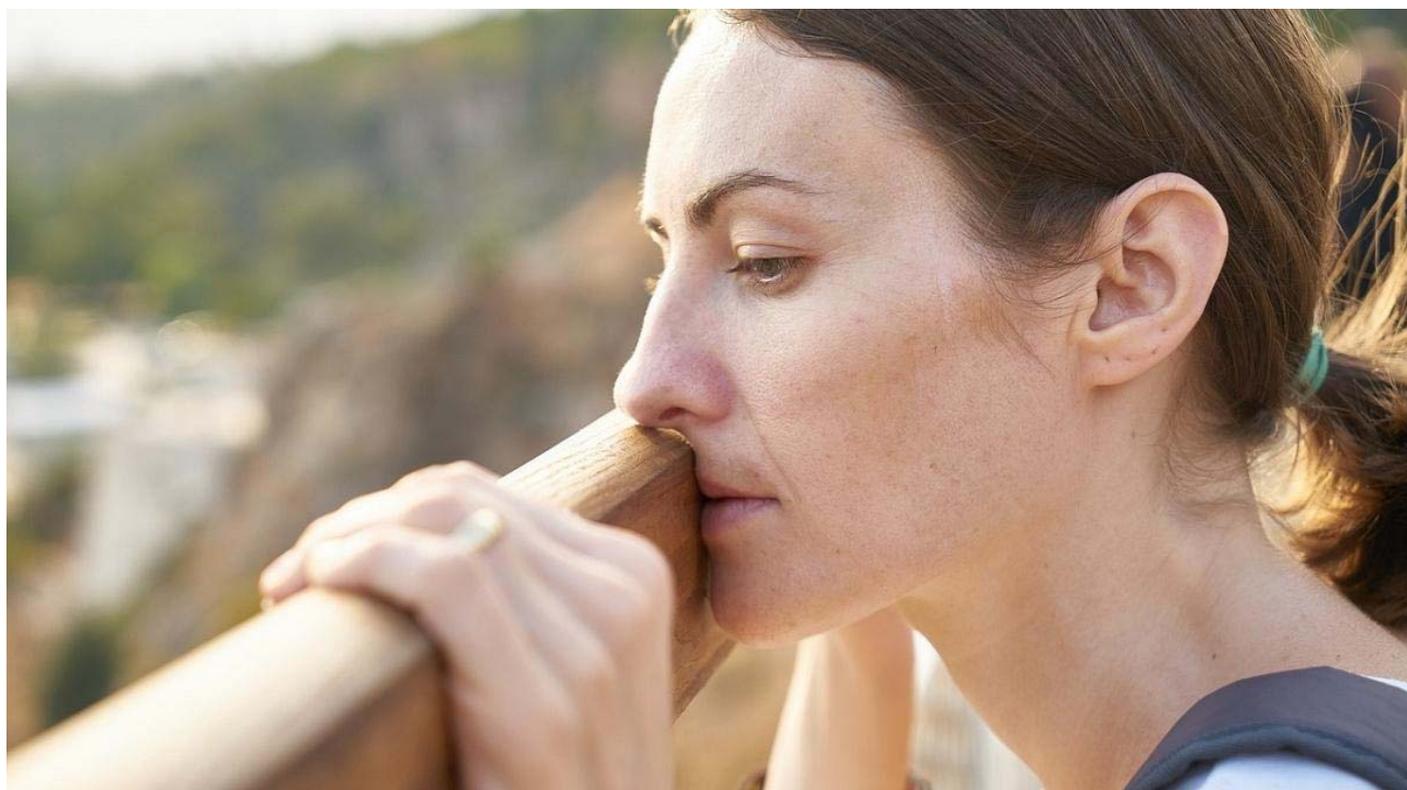
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 12:59 | **Actualizado a las 13:14**



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La **Sociedad Española de Neurología (SEN)** estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio “[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)”, publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- “El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos”

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

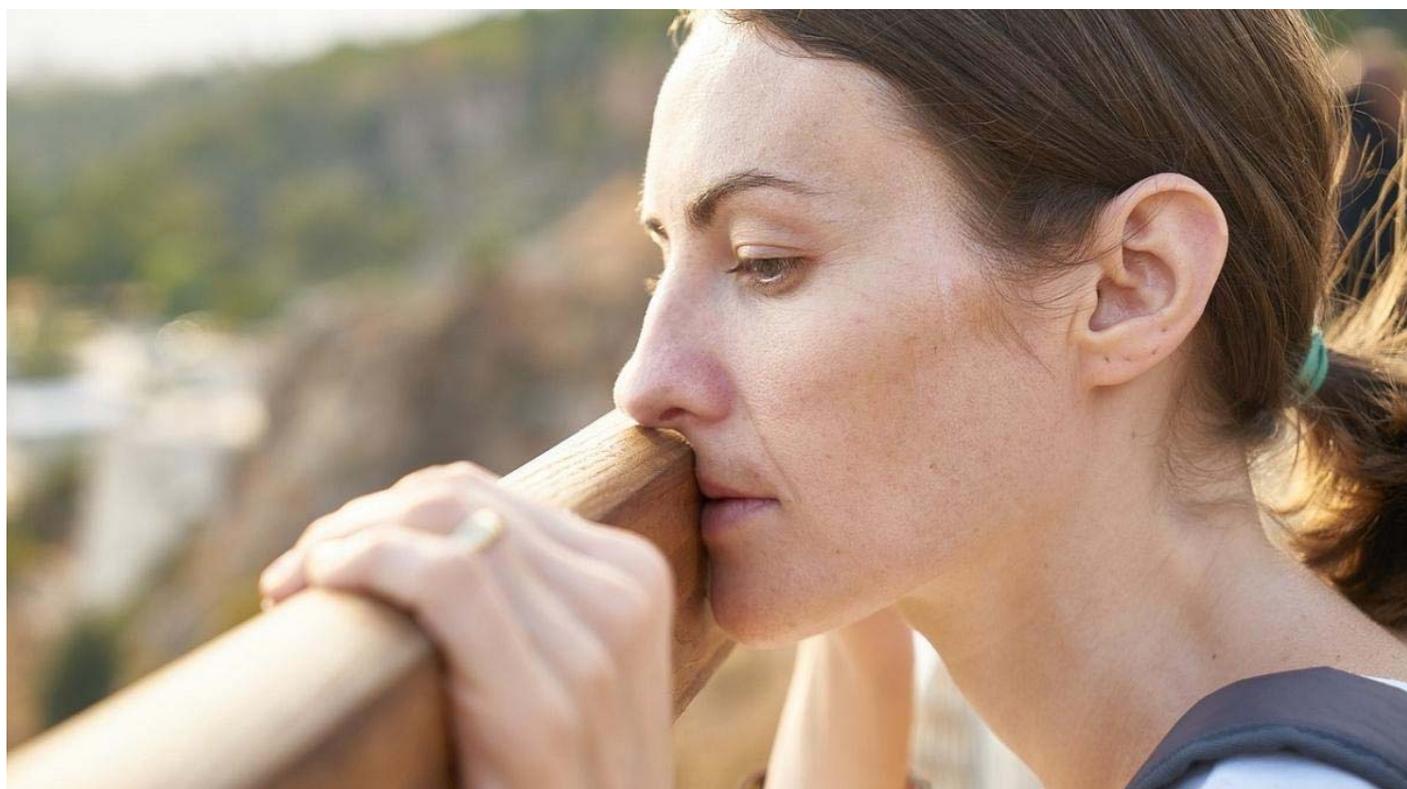
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12·04·23 | 11:59 | Actualizado a las 12:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos

En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

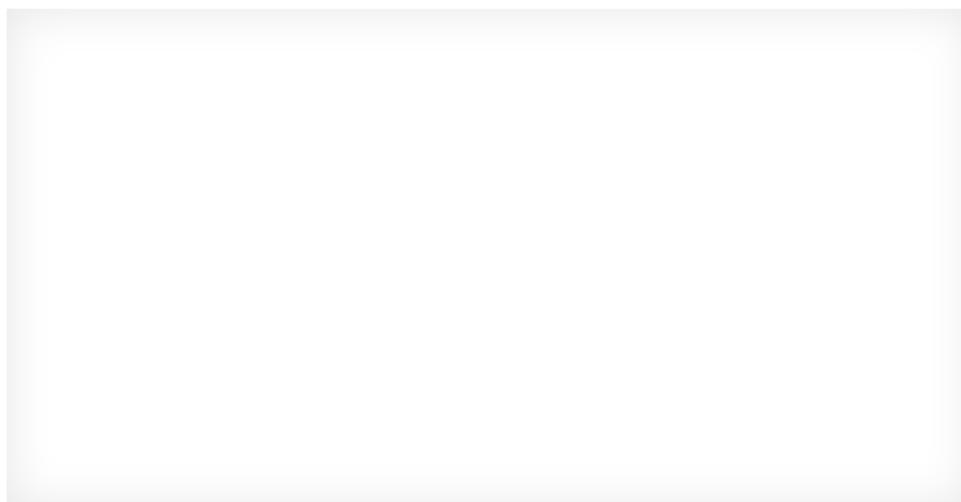
RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

PUBLICIDAD



¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en

edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao, Santander, Donostia, Vitoria y Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio [“The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy”](#), publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina

mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para **ser madre**, podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio 'epilepsia y maternidad', sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan

tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético

preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023

Explora sin límites a bordo del California

Volkswagen

Más información

El precio de mercado de tu coche usado podría sorprenderte

Cotiza Tu Auto

Más información

El aberrante nuevo plato de Dabiz Muñoz que ha cabreado a Canarias

La Provincia

Kia Ceed deportividad que inspira

Kia España

Leer más

Muere un agente de la Policía Local de Mogán

La Provincia



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

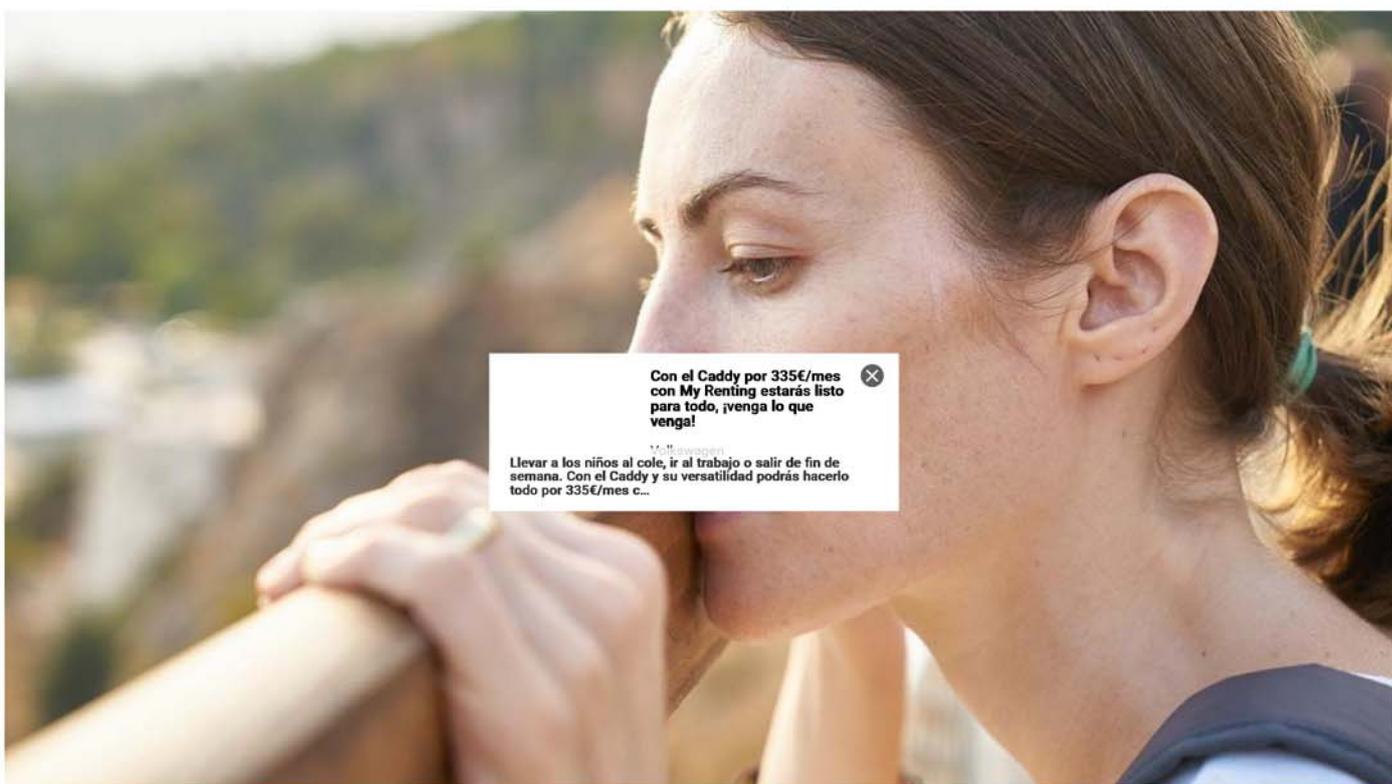
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12-04-23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Con el Caddy por 335€/mes con My Renting estarás listo para todo, ¡venga lo que venga!

Llevar a los niños al cole, ir al trabajo o salir de fin de semana. Con el Caddy y su versatilidad podrás hacerlo todo por 335€/mes c...

Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La [Sociedad Española de Neurología \(SEN\)](#) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, con lo que esto supone sobre su salud reproductiva. Cuestiones sobre la relación entre la epilepsia y la infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao](#), [Santander](#), [Donostia](#), [Vitoria](#) y [Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio “[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)”, publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- "El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.



Consulta aquí todas las noticias de La Nueva España

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

CONTENIDO PATROCINADO

Taboola Feed

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023

Visita IKEA.es

IKEA

Comprar Ahora

¡Descubre cuánto vale tu coche en solo 30 segundos!

Cotuco.es

Sale a la luz la mentira de Ana Obregón: no es la abuela del bebé

La Nueva España



PUBLICIDAD

GINECOLOGÍA

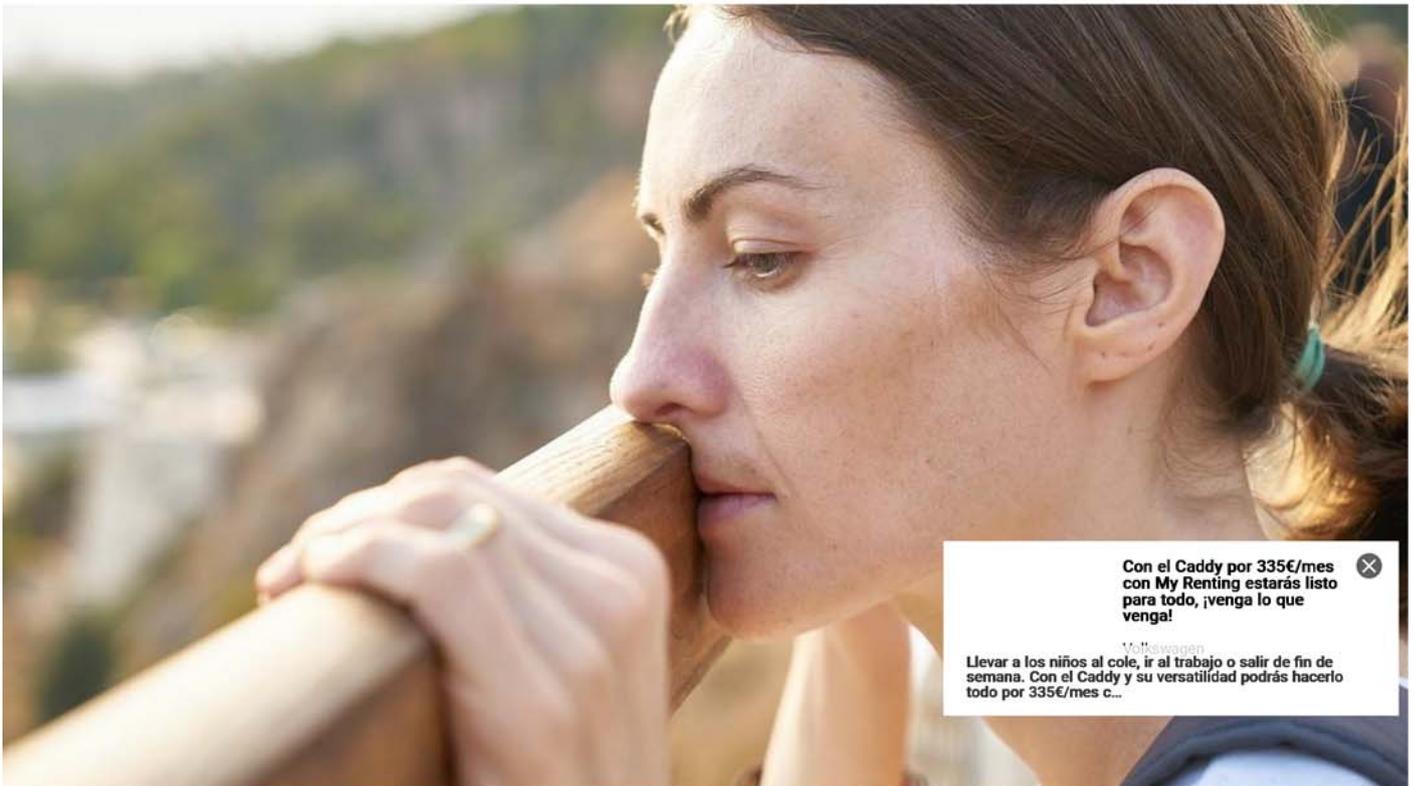
Tengo epilepsia, ¿puedo quedarme embarazada? ¿hay algún riesgo para la madre y el bebé?

La epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación. Los riesgos asociados a esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.



Rebeca Gil

12-04-23 | 12:59 | Actualizado a las 13:14



Tengo epilepsia ¿puedo quedarme embarazada?

La Sociedad Española de Neurología (SEN) estima que en España padecen epilepsia unas 400.000 personas y que cada año se detectan entre 12.400 y 22.000 nuevos casos. En Europa, afecta a unos 6 millones de habitantes y se registran unos 400.000 nuevos casos al año.

RELACIONADAS

Sarcopenia: Qué es y qué síntomas tiene esta enfermedad, ligada al envejecimiento y al sedentarismo

Tener un padre de 40 años o más ¿afecta a la salud del feto o de la madre en el embarazo?

Esta patología neurológica puede presentarse en cualquier edad, y eso supone que una mujer joven pueda padecerla, por lo que esta puede afectar su salud reproductiva. Queremos saber la relación entre la epilepsia y la

infertilidad, o la duda de si transmitirán la enfermedad a sus hijos son planteadas habitualmente en las consultas de ginecología.

¿Por qué tengo ojeras si duermo bien? Cuatro enfermedades pueden estar detrás de este problema

Rafa Sardiña

“La epilepsia es una condición crónica muy frecuente entre las mujeres en edad reproductiva y cada vez más, mujeres con esta y otras enfermedades crónicas intentan lograr una gestación. A pesar de que los estudios epidemiológicos pueden indicar que hay menor tasa de nacimientos en el grupo de mujeres con epilepsia en edad reproductiva, esto no significa que estas mujeres presenten mayor tasa de infertilidad, ya que este hecho puede asociarse a diferentes causas”, comenta el doctor **Marcos Ferrando**, director médico de [IVI Bilbao, Santander, Donostia, Vitoria y Logroño](#).

Esta tasa de infertilidad puede ser explicada de varias formas, a juicio de este especialista. “Por ejemplo, podría relacionarse con factores sociales, como relaciones de pareja menos estables o mujeres que consideren no tener hijos debido a su epilepsia”,

Solución a los problemas de infertilidad entre las mujeres con epilepsia

Si realmente se produjera un problema de infertilidad en una mujer con epilepsia los especialistas en reproducción asistida explican el embarazo no es imposible.

Este grupo de pacientes muestra posibilidades similares de lograr un bebé mediante técnicas de reproducción asistida que aquellas que no tienen epilepsia, según expone el estudio "[The efficacy of assisted reproductive treatment in women with epilepsy](#)", publicado por el profesor Due Larsen et al en 2021.

“Se trata de hallazgos novedosos y tranquilizadores sobre la eficacia de la medicina reproductiva en mujeres con epilepsia. Hay una realidad, y es que el número de mujeres epilépticas durante sus años fértiles aumenta progresivamente; muchas de ellas no tienen hijos y, debido al retraso creciente en la edad para [ser madre](#), podrían necesitar un tratamiento reproductivo para lograrlo. Ante este panorama, estudios como este ayudan a despejar muchas de las preocupaciones que pueden surgir en torno al binomio ‘epilepsia y maternidad’, sugiere el doctor Ferrando.

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

El embarazo no esta contraindicado en mujeres con epilepsia

Con todo esto, la epilepsia ya no se considera una contraindicación para la gestación, y los riesgos asociados con esta enfermedad durante el embarazo pueden minimizarse mediante intervenciones antes y durante el mismo.

- “El único factor a tener en cuenta como requisito fundamental para toda paciente con epilepsia, así como con cualquier condición crónica, es que la enfermedad esté controlada antes de iniciar el tratamiento

reproductivo. El objetivo debe ser un control óptimo de los episodios convulsivos antes de intentar el embarazo y realizar una revisión exhaustiva de los medicamentos antiepilépticos"

"Para ello, será imprescindible un trabajo multidisciplinar en el que intervengan tanto el neurólogo como el experto en medicina materno fetal para ofrecer a la paciente la mayor seguridad durante su proceso reproductivo", explica el doctor Ferrando.

¿Por qué hay cada vez más epilépticos? ¿Se puede tratar la epilepsia con cirugía?

Rebeca Gil

¿Hereditará mi bebé la epilepsia que yo padezco?

Las causas de la epilepsia son complejas y muy amplias, ya que, más que un trastorno con entidad propia podría considerarse un síntoma asociado a varias condiciones médicas. Así pues, cualquier daño y/o alteración del sistema nervioso central puede devenir en epilepsia.

En aproximadamente la mitad de los casos, la epilepsia no tiene una causa identificable en la actualidad. En la otra mitad, la epilepsia puede atribuirse a varios factores, incluidos los siguientes: daño en el cerebro, tumores, [enfermedades infecciosas](#), malformaciones congénitas y causas genéticas.

TE PUEDE INTERESAR:

GUÍAS DE SALUD

¿Salir a la calle con mascarilla puede ayudar a aliviar los síntomas de la alergia?

GUÍAS DE SALUD

Parkinson: la enfermedad neurológica que más aumenta en el mundo

"A día de hoy, gracias a los avances técnicos en genética molecular, en aproximadamente 1 de cada 4 casos de epilepsia se puede identificar alguna alteración genética que pueda considerarse causante, habiéndose descrito más de 200 genes asociados a esta condición. En los casos donde se identifica una causa genética, se pueden discutir opciones reproductivas con las mujeres y/o parejas con la finalidad de prevenir el nacimiento de un hijo afecto".

- "Entre estas opciones reproductivas se encontraría el diagnóstico genético preimplantacional, una avanzada técnica que permite el análisis genético de los embriones y transferir así solo aquellos que no han heredado la alteración", concluye el especialista en reproducción asistida.

TEMAS Responde el doctor - Neurología

Te puede gustar

El Gobierno instalará paneles solares en tu tejado si vives en una de estas 11 provincias

Ayudas Solares 2023

Hazte con el Caravelle y sus hasta 9 plazas

Volkswagen

Ver oferta

España registrará el triple de casos de párkinson en 30 años

Agencias

- miércoles, 12 de abril de 2023

El envejecimiento de la población es el principal factor de riesgo de una alteración que sufren 150.000 personas en el país y que, en el 90 por ciento de pacientes, es de origen desconocido



España registrará el triple de casos de párkinson en 30 años - Foto: Imagen de storyset en Freepik

La edad es el principal factor de riesgo para padecer la enfermedad de Parkinson, ergo con el creciente envejecimiento de la población los casos irán *in crescendo* hasta el punto de que, como explica el coordinador del Grupo de Estudio de Trastornos del Movimiento de la Sociedad Española de Neurología, el doctor Álvaro Sánchez Ferro, es probable que «en España el número de afectados se triplique en los próximos 30 años».

«Los avances diagnósticos y terapéuticos que ha experimentado esta enfermedad en los últimos años son algunas de las razones que explican este aumento en la prevalencia. Pero, sobre todo, detrás de este incremento está el progresivo envejecimiento de la población que estamos viviendo», explica Sánchez Ferro.

Privacidad

El médico asegura que, mientras que la enfermedad de Parkinson «afecta a un dos por ciento de la población mayor de 65 años, pasa a ser al cuatro en mayores de 80». En todo caso, esta alteración no solo afecta a personas de edad avanzada ya que, aproximadamente un 15 por ciento de los casos actualmente diagnosticados corresponden a menores de 50.

Con motivo del Día Mundial del Parkinson, que se celebró ayer, la Sociedad Española de Neurología (SEN) recordó que esta enfermedad afecta a más de siete millones de personas en todo el mundo y, en nuestro país, más de 150.000 personas están afectadas por esta enfermedad neurológica crónica y progresiva.

Aunque tener un familiar cercano aumenta las posibilidades de padecer este trastorno, solo un 10 por ciento de los casos de esta enfermedad corresponden a formas hereditarias. En el 90 por ciento de las ocasiones, la causa sigue siendo desconocida.

«Teniendo en cuenta el desafío que supone el previsible incremento de nuevos casos de esta enfermedad, se hace muy necesario llevar a cabo estrategias de prevención sobre aquellos factores que ya sabemos que pueden aumentar el riesgo de padecerla», comenta el doctor Ferro. En este sentido, es recomendable llevar un buen estilo de vida realizando ejercicio físico de forma regular, optando por la dieta mediterránea y controlando la hipertensión y la diabetes tipo 2.

Por otra parte, la exposición a pesticidas, a disolventes industriales, a la contaminación del aire, o a infecciones por *helicobacter pylori* o hepatitis C, también se han asociado a un mayor riesgo.

Más que síntomas motores

Actualmente, cada año se diagnostican en España unos 10.000 casos nuevos de esta alteración caracterizada por producir diversos síntomas motores y no motores. Entre los síntomas motores, los más habituales son el temblor y la lentitud de movimientos. Además de los síntomas que ocurren al inicio, aparecen otros problemas con la evolución de la enfermedad como las fluctuaciones motoras que se hacen presentes en más del 80 por ciento de los pacientes tras cinco y 10 años desde el diagnóstico. Pero los síntomas motores no siempre son los primeros en aparecer al inicio de esta enfermedad. Hasta en un 40 por ciento de los casos la primera manifestación del párkinson es la depresión y, esto, puede llevar a diversos errores diagnósticos. Otros signos son la ansiedad, los problemas cognitivos, trastornos del sueño, dolor, estreñimiento, problemas de deglución o en la función genitourinaria.

Precisamente, las asociaciones de pacientes lanzaron ayer la campaña *Dame mi tiempo*, con el objetivo de avanzar hacia una sociedad «más sensibilizada» que incorpore una imagen «ajustada a la realidad» de estos pacientes.

ARCHIVADO EN: [Enfermedades](#), [España](#), [Parkinson](#), [Neurología](#)

Te puede gustar

Enlaces Promovidos por Taboola

Los españoles sin seguro de decesos empiezan a darse cuenta de algo

Encuentra Seguro

¿Cuánto cuesta una cremación en 2023? (ver precios aquí)

Cremación | Enlaces Publicitarios

Cuatro alimentos que depuran el hígado y queman la grasa abdominal

GoldenTree.es

Más información

No instale paneles solares en 2023 hasta que haya leído esto

Eco Experts

El precio de mercado de tu coche usado podría sorprenderte

Cotiza Tu Auto

Más información

Evalúa cuan inteligente eres. Responde 22 preguntas y averigua cuál es tu IQ

WW IQ Test

Haz clic aquí

Las mejores zapatillas de andar por casa para hombre

MQQSO

Privacidad



CONSULTA EL NÚMERO ACTUAL



Noticia - Portada - Destacada

Expertos de DomusVi alertan sobre la necesidad de dar cobertura a la creciente incidencia del Parkinson

📅 12 abril, 2023 👤 moon

Suscríbete a la Revista

Este sitio web utiliza cookies para que usted tenga la mejor experiencia de usuario. Si continúa navegando está dando su consentimiento para la aceptación de las mencionadas cookies y la aceptación de nuestra política de cookies, pinche el enlace para mayor información.

ACEPTAR

plugin cookies

los próximos 30 años, debido al aumento de la longevidad, y dado que esta enfermedad tiene una mayor incidencia entre las personas mayores.

"La incidencia de esta dolencia aumenta muy claramente con la edad, llegando a duplicarse entre los 60 y 80 años y afecta por igual a hombres y mujeres. Las personas que la padecen no cuentan con una menor esperanza de vida, pero sí ven afectada la calidad de ésta", explica **José Manuel Pérez**, responsable de **Coordinadores Asistenciales de la Dirección Técnica Asistencial de DomusVi**, que advierte sobre la necesidad de sumar personal al sector de los cuidados socio-sanitarios para hacer frente a este aumento exponencial de personas afectadas por Parkinson.

Los centros residenciales de la compañía cuentan ya con áreas especializadas para mejorar el bienestar de las personas mayores que padecen esta enfermedad. **Aproximadamente el 10% de los residentes padece algún tipo de patología relacionada con la enfermedad.**

"Tenemos un alto grado de especialización y experiencia en la atención a enfermos con Parkinson, contamos con perfiles especialistas como fisioterapeutas, terapeutas ocupacionales y psicólogos que abordan más directamente la labor rehabilitadora para los residentes. Pero en los próximos años vamos a tener que ampliar la plantilla, porque prevemos que el porcentaje de residentes con problemas relacionados con esta dolencia aumente en consonancia con las cifras previstas por la SEN", señala el responsable de Coordinadores Asistenciales en DomusVi.

Protocolos de cuidado para una enfermedad sin cura

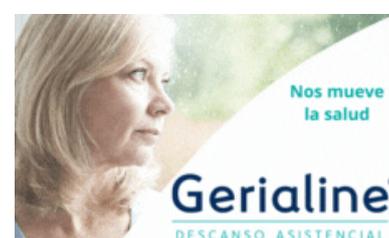
En la actualidad la enfermedad de Parkinson no tiene cura,

Este sitio web utiliza cookies para que usted tenga la mejor experiencia de usuario. Si continúa navegando está dando su consentimiento para la aceptación de las mencionadas cookies y la aceptación de nuestra política de cookies, pinche el enlace para mayor información.

ACEPTAR

plugin cookies

Residencias para mayores



Residencias para personas mayores



[AGENDA](#) [BIBLIOTECA](#) [ENTREVISTAS](#) [FORMACIÓN/EMPLEO](#) [MERCADO](#) [NOTICIAS](#)[NOVEDADES](#) [OPINIÓN](#) [INTERNACIONAL](#) [PUBLICIDAD/MEDIAKIT](#)

rehabilitación o la terapia ocupacional, que nos permiten controlar los síntomas de la enfermedad y mejorar así el día a día de nuestros residentes.”, argumenta José Manuel Pérez.

Además, **se trata de una enfermedad que evoluciona de manera diferente en cada persona**. Los pacientes pueden desarrollar complicaciones, como fluctuaciones motoras o discinesias y otros síntomas, como trastornos del sueño, problemas cognitivos o depresión. En este sentido, cada tratamiento debe estar adaptado a las necesidades que se presenten en cada momento.

En los centros residenciales DomusVi se aplican unos protocolos de cuidado enfocados de manera integral. Éstos contemplan **actividades para mejorar la movilidad** y capacidad para realizar tareas cotidianas, ejercicios de pronunciación, técnicas de respiración y terapia de deglución para mejorar su capacidad de hablar y tragar. A éstas se suman **terapias psicológicas** para ayudar al paciente y a su familia a lidiar con los cambios emocionales y los desafíos que surgen durante la enfermedad.

La digitalización en la atención de personas con Parkinson

El nuevo paradigma de digitalización en la asistencia sociosanitaria supone una gran innovación para el tratamiento de algunas enfermedades. En el caso del Parkinson, permite tener una mayor accesibilidad y eficiencia en el cuidado de la enfermedad y redundante en una mejora en la calidad de vida, tanto de los pacientes como de los cuidadores.

Gracias a iniciativas como la telemedicina, los asistentes virtuales, las aplicaciones móviles o la tecnología vestible, los



Este sitio web utiliza cookies para que usted tenga la mejor experiencia de usuario. Si continúa navegando está dando su consentimiento para la aceptación de las mencionadas cookies y la aceptación de nuestra [política de cookies](#), pinche el enlace para mayor información.

[ACEPTAR](#)[plugin cookies](#)

[AGENDA](#)[BIBLIOTECA](#)[ENTREVISTAS](#)[FORMACIÓN/EMPLEO](#)[MERCADO](#)[NOTICIAS](#)[NOVEDADES](#)[OPINIÓN](#)[INTERNACIONAL](#)[PUBLICIDAD/MEDIAKIT](#)

“El cuidado y atención del Parkinson ha de ser multidisciplinar y enfocado de una manera integral ya que, además de las fases de diagnóstico y primeros pasos, esta enfermedad termina afectando a toda la persona. La digitalización nos ha permitido contar con una tecnología capaz de incrementar la eficiencia de nuestros cuidados, acercándonos y adaptándonos a las necesidades de cada residente.” concluye José Manuel Pérez.

[← Entrevista a Aristóteles, de Fdez Aguado](#)

[Grandes esperanzas en el abordaje del párkinson →](#)

También te puede gustar



FUNDACIÓN
ONCE
PRESENTA
SOLEDADES, EL
OBSERVATORIO
ESTATAL DE LA
SOLEDAZ NO
DESEADA

25 abril, 2022



Estos son los
beneficios
físicos y
psicológicos de
practicar
deporte al aire
libre

21 junio, 2022



Sopas de letras,
musicoterapia o
ejercicios de
coordinación:
actividades para
combatir el
párkinson

27 marzo, 2023

[Aviso legal](#)

[EDITA](#)

[Política de privacidad](#)

Este sitio web utiliza cookies para que usted tenga la mejor experiencia de usuario. Si continúa navegando está dando su consentimiento para la aceptación de las mencionadas cookies y la aceptación de nuestra [política de cookies](#), pinche el enlace para mayor información.

[plugin cookies](#)

[ACEPTAR](#)



PUBLICITAT

Parkinson: la malaltia neurològica que més augmenta al món

Els especialistes en neurologia calculen que el nombre d'afectats es triplicarà els propers 30 anys pel progressiu envelliment de la població espanyola



Rebeca Gil

11·04·23 | 18:18 | **Actualitzat a les 18:21**

Parkinson: la malaltia neurològica que més augmenta al món

El Parkinson és la segona malaltia neurodegenerativa amb més incidència al món. A Espanya, segons dades de la Societat Espanyola de Neurologia (SEN), aquesta malaltia neurològica crònica i progressiva afecta **més de 150.000 persones**. Però aquesta xifra no para de créixer i és que el Parkinson està augmentant entre la societat més ràpidament que qualsevol altra malaltia neurològica. Tal és aquest

increment que fa uns mesos l'Organització Mundial de la Salut va assenyalar que la prevalença d'aquesta malaltia s'ha duplicat en els darrers 25 anys.

Els especialistes en neurologia de la SEN tenen clar el perquè d'aquest notable increment. “**Les millores en el diagnòstic i les teràpies** dels darrers anys són algunes de les raons que expliquen aquest augment en la prevalença del **Parkinson**. Però, sobretot, darrere aquest increment, hi ha **l'envelliment progressiu de la població**”, explica el doctor Álvaro Sánchez Ferro, Coordinador del Grup d'Estudi de Trastorns del Moviment de la SEN.

Parkinson, els primers símptomes

redacció

“I és que l'edat és el principal risc per patir aquesta malaltia. Sobretot, a partir de la sisena dècada de vida, la incidència i la prevalença d'aquesta malaltia augmenta exponencialment. Així, mentre que estimem que **la malaltia de Parkinson afecta un 2% de la població major de 65 anys**, passa a ser al **4% en majors de 80 anys**. Per això també calculem que, a Espanya, i a causa del progressiu envelliment de la nostra població, el nombre d'afectats es triplicarà en els propers 30 anys”.

En tot cas, cal no oblidar que la malaltia de Parkinson no només afecta persones d'edat avançada. Aproximadament **un 15% dels casos actualment diagnosticats a Espanya corresponen a persones menors de 50 anys**.

Què pot fer la logopèdia pels pacients de Parkinson?

Cristina Fernández-Getino Sallés

Factors de risc de la malaltia

Tot i que tenir un familiar proper amb la malaltia de Parkinson augmenta les possibilitats de patir aquest trastorn, només un 10% dels casos corresponen a formes hereditàries.

En el 90% dels casos, la causa de la malaltia del Parkinson continua sent desconeguda, tot i que la comunitat científica cada cop troba més evidències que el seu origen és el resultat d'una combinació de factors ambientals en persones genèticament predisposades.

"Tenint en compte el desafiament que suposa el previsible increment de nous casos d'aquesta malaltia, es fa molt necessari fer estratègies de prevenció sobre aquells factors que ja sabem que poden augmentar el risc de patir-la", comenta el doctor Álvaro Sánchez Ferro.

"En aquest sentit, sabem que un bon estil de vida ajuda a protegir-nos contra la malaltia de Parkinson i això inclou fer exercici físic de forma regular, optar per la dieta mediterrània, o controlar la hipertensió i la diabetis tipus 2".

"D'altra banda, l'exposició a pesticides, a dissolvents industrials, a la contaminació de l'aire, o a infeccions per helicobacter pylori o hepatitis C, també s'han associat, entre altres factors, a un risc més gran de desenvolupar aquesta malaltia. Per això cal debatre programes de salut pública que evitin l'exposició de la població a aquests", afegeix l'especialista.

La depressió és en primer símptoma en el 40% dels casos de Parkinson

Segons les dades que ofereix la SEN cada any es diagnostiquen a Espanya uns 10.000 nous casos de Parkinson. Entre els seus símptomes més característics i coneguts hi

ha els símptomes motors, el tremolor i la lentitud de moviments.

I a més dels símptomes que tenen lloc a l'inici, apareixen altres problemes amb l'evolució de la malaltia com les fluctuacions motores, que pateixen més del 80% dels pacients després de 5 i 10 anys des del diagnòstic.

Però els símptomes motors no sempre són els primers a aparèixer, adverteixen els experts. I és que en **fins al 40% dels casos la primera manifestació del Parkinson és la depressió, cosa que pot dificultar el diagnòstic.**

Entre altres **símptomes no motors** destaquen l'ansietat, els problemes cognitius, els trastorns del son, el dolor, el restrenyiment, els problemes de deglució o la funció genitourinària.

"Tenim a associar la malaltia de Parkinson únicament a la simptomatologia motora, quan en realitat és una malaltia que es pot manifestar de moltíssimes altres maneres. I, de fet, els símptomes no motors poden arribar a ser, moltes vegades, molt incapacitants", explica el doctor Álvaro Sánchez Ferro.

A més, aquests símptomes no motors poden complicar el diagnòstic de la malaltia. "Actualment tenim a Espanya un retard en el diagnòstic d'entre 1 i 3 anys i això fa que, aproximadament, un terç dels nous casos encara estiguin sense diagnosticar", assenjala l'especialista en neurologia.

Una malaltia sense cura, però amb tractaments

Un diagnòstic primerenc permet iniciar el tractament d'aquesta malaltia a les primeres fases, fet que ajuda a millorar la qualitat de vida dels pacients, prevenir complicacions i minimitzar la discapacitat a llarg termini.

I, el tractament farmacològic disponible actualment, si bé no aconsegueix aturar el procés degeneratiu, resulta eficaç per millorar la majoria dels símptomes motors i per a molts dels símptomes no motors.

"En tot cas, el tractament d'aquesta malaltia requereix un enfocament integral, en què s'incloguin també tractaments no farmacològics, i també un enfocament individualitzat segons la discapacitat, l'edat del pacient i de les complicacions i els

síntomes que van sorgint durant la seva evolució", conclou el doctor Álvaro Sánchez Ferro.

ET POT INTERESSAR

2023-04-10

Crazy Day Factory, la botiga física per comprar devolucions d'Amazon des d'1 euro



2023-04-11

¿Quan plourà a Espanya? Novetat imminent

